

SIMON SCARROW

CORVOS SANGRENTOS

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA



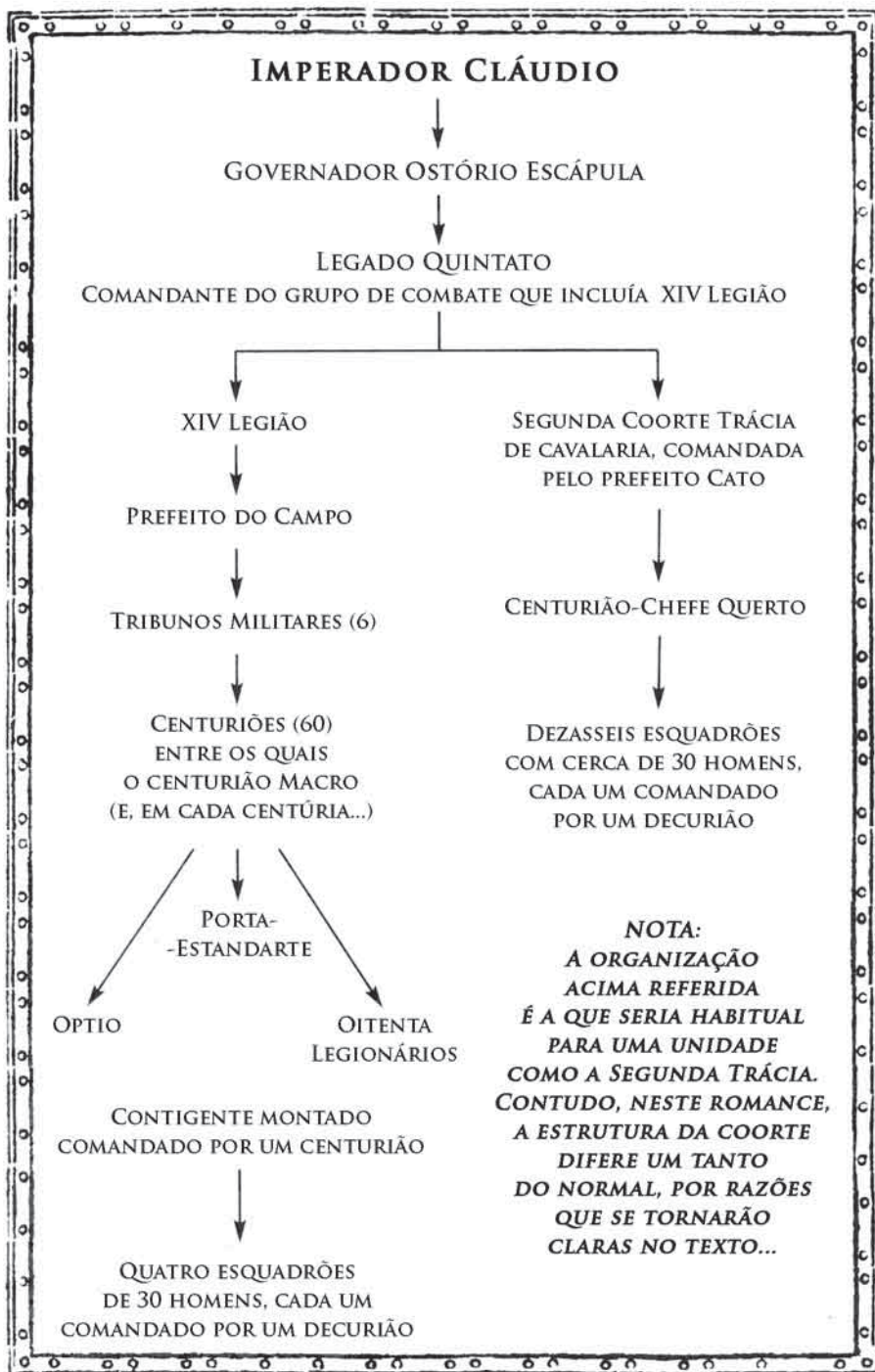
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Ad meus plurimus diutinus quod optimus amicus,
Murray Jones*

(em latim no original)

Ao meu velho e grande amigo,
Murray Jones

A CADEIA DE COMANDO NO EXÉRCITO ROMANO



UMA BREVE INTRODUÇÃO AO EXÉRCITO ROMANO

A Décima Quarta Legião, tal como todas as outras, compreendia cinco mil e quinhentos homens. A unidade básica de uma legião era a *centúria* de oitenta homens, comandados por um *centurião*. A centúria dividia-se em secções de oito homens cada, os quais partilhavam um quarto nas casernas ou uma tenda, quando em campanha. Seis centúrias compunham uma coorte, e dez coortes formavam uma legião, embora a primeira coorte possuísse o dobro do efetivo das outras. Cada legião era acompanhada por um contingente de cavalaria de 120 homens, divididos em quatro esquadrões, que serviam como batedores e mensageiros.

Por importância decrescente, as principais patentes numa legião eram as seguintes:

O *legado* era um homem proveniente de uma família aristocrática. Tipicamente, estava a meio dos seus trinta anos, e comandava uma legião durante um período que podia ir até aos cinco anos, durante os quais tentava criar uma reputação que lhe desse um bom ponto de partida para uma carreira política subsequente.

O *prefeito do campo* era um veterano experimentado, que ocupara previamente o posto de centurião-mor de uma legião, e atingia assim o ponto mais elevado de uma carreira de soldado profissional. Possuía uma vasta experiência e indiscutível integridade, e era a ele que cabia o comando da legião se o legado estivesse ausente ou *hors de combat*.

Seis *tribunos* serviam como oficiais do estado-maior. Eram homens de vinte e poucos anos que serviam algum tempo no exército, de forma a adquirirem experiência administrativa antes de ocuparem postos subalternos na administração civil. O tribuno mais antigo era um caso diferente. Tinha já a garantia de vir no futuro a ocupar uma posição política de relevo, e podia mesmo vir a tornar-se comandante de uma legião.

A espinha dorsal de uma legião, que no dia a dia se encarregava do treino dos homens e dos assuntos disciplinares, era assegurada por sessenta centuriões. Estes eram selecionados nas fileiras pelas suas qualidades de liderança e pela capacidade e disposição para lutar até à morte. Por isso mesmo, a taxa de mortalidade desta patente era muito maior que a de outras.

O mais antigo dos centuriões comandava a primeira centúria da primeira coorte, e era geralmente um indivíduo com uma longa lista de condecorações, que era alvo do respeito de todos.

Os quatro *decuriões* da legião comandavam os esquadrões de cavalaria, embora ainda hoje se debata se haveria um centurião no comando global do contingente montado de uma legião.

Cada centurião tinha um adjunto, um *optio*, que possuía assim alguma autoridade sobre os homens das fileiras. Os *optios* esperavam por uma vaga no centurionato para poderem subir de patente.

Abaixo dos *optios* havia os legionários, homens que se tinham alistado por um período de vinte e cinco anos. Em teoria, um homem tinha que ser um cidadão romano para se poder alistar, mas havia uma tendência crescente para recrutar pessoal entre as populações nativas das províncias, a quem era oferecida a cidadania romana no ato de alistamento. Os legionários eram bem pagos, e podiam ainda esperar que o Imperador lhes atribuísse, de tempos a tempos, alguns generosos bônus (sempre que este sentia que a lealdade do exército precisava de um pequeno estímulo!).

Com um estatuto mais baixo que o dos legionários, existiam os homens das coortes auxiliares. Estes eram recrutados nas províncias, e forneciam ao Império Romano tropas de cavalaria, infantaria ligeira, e outras funções especializadas. A cidadania romana era-lhes concedida ao fim dos vinte e cinco anos de serviço. As unidades de cavalaria, como a Segunda Coorte Trácia, tinham um efetivo aproximado de quinhentos ou de mil homens; neste último caso, o seu comando era reservado a oficiais de grande experiência e capacidade. Havia também coortes mistas, com uma proporção de um terço de homens montados para dois terços de infantaria, que eram geralmente usadas para patrulhar o território adjacente às fronteiras do Império.

BRITÂNIA 51 d.C.



NOTA DO TRADUTOR

(relativamente a designações de tribos e locais)

Na tradução deste romance foi mantido o costume de traduzir os nomes das tribos nativas da Britânia que são mencionadas ao longo do relato, como foi feito em volumes anteriores desta série em que a história decorria no mesmo cenário (por exemplo, *A Águia e os Lobos*). O mesmo se passou com o nome da província e os nomes (latinos ou latinizados) das personagens.

Por outro lado, relativamente às designações de cidades e locais, preferiu-se manter a designação latina como seria usada pelos protagonistas, mesmo nos casos em que esses locais podem ser claramente identificados com cidades atuais (por exemplo, manteve-se a designação de Londinium, em vez de lhe chamar Londres; ou Massillia no lugar de Marselha).

Fevereiro, 51 d.C.

A coluna montada subia a ladeira na estrada com esforço; quando alcançou o cimo, o líder refreou o cavalo e ergueu a mão em sinal de alto. As chuvas recentes tinham transformado a estrada numa faixa de lama escorregadia, esburacada e cheia de sulcos, e os animais resfolegavam e protestavam ao sentirem os cascos presos e sugados pelo lamaçal. O ar gélido encheu-se do ruído produzido pelos cavalos ao deterem-se, as patas a bater no solo ensopado e as narinas a soltarem espessas nuvens de vapor a cada expiração. O comandante da coluna envergava uma espessa capa vermelha sobre a brilhante placa peitoral, por cima da qual se cruzavam as faixas correspondentes à sua patente: era o legado Quintato, comandante da Décima Quarta Legião, à qual competia vigiar e proteger a fronteira ocidental da mais recente província conquistada pelo Império, a Britânia.

Uma árdua tarefa, considerou o oficial para si mesmo, em tom amargo. Já se tinham passado quase oito anos desde que o exército romano tinha desembarcado naquela ilha, situada nos confins do mundo conhecido. Ao tempo, Quintato não passara de um jovem tribuno de vinte e poucos anos, repleto de sentido de missão e ansioso por conquistar glória, para si, para Roma e para o seu novo Imperador, Cláudio. O exército tinha avançado para o interior à custa de intensos combates, conseguindo por fim derrotar a poderosa hoste em que as tribos locais se tinham reunido, numa coligação liderada pelo rei dos catuvelaunos, Carátaco. As batalhas sucessivas tinham acabado por desgastar os valentes guerreiros nativos, até que por fim as legiões os tinham esmagado num renhido confronto junto à sua capital, Camulodunum.

Naquela altura, a batalha tivera todo o ar de ser realmente decisiva. O próprio Imperador estivera presente, a testemunhar a vitória do seu exército. E, evidentemente, a colher todo o crédito pelo feito. Depois da maioria dos governantes nativos terem concluído tratados com o Imperador, Cláudio regressara a Roma para reclamar um triunfo e anunciar à multidão que a conquista da Britânia estava concluída. O que, de todo, não acontecera realmente. O legado franziu o cenho. Nem de perto. Aquela derradeira batalha não tinha quebrado a vontade de Carátaco e dos seus

homens continuarem a resistir. Tinha-lhe apenas mostrado que era inútil e pouco inteligente lançar os seus bravos mas mal treinados guerreiros contra as legiões em terreno aberto. Por conseguinte, ele aprendera a jogar com outras regras, mais dissimuladas, atraindo as colunas romanas a emboscadas e lançando grupos de assalto, velozes e móveis, para flagelar os postos avançados e as linhas de abastecimento das legiões. Tinham sido necessários sete anos de campanhas para forçar Carátaco a recuar para as montanhas austeras onde habitavam siluros e ordovicos. Eram tribos de caráter guerreiro, e tinham a incitá-las a fanática fúria dos druidas, pelo que estavam determinadas a resistir ao poder de Roma até ao derradeiro suspiro do último dos seus sobreviventes. Tinham aceite a liderança de Carátaco, e aquele novo centro de resistência tinha atraído todos os guerreiros que por toda a ilha mantinham vivo um persistente ódio a Roma.

Tinha sido um inverno rigoroso; os ventos frios e a chuva gelada tinham obrigado o exército romano a limitar as suas atividades durante os longos meses de céu cinzento e escuro. Só para o fim da estação é que as nuvens baixas e os cerrados nevoeiros tinham abandonado as terras montanhosas que se estendiam para lá da fronteira, e por fim as legiões tinham ficado em condições de renovar a sua campanha contra os nativos. O governador da província, Ostório Escápula, tinha dado ordens bem precisas à Décima Quarta: avançar para os vales densamente florestados, e neles estabelecer uma cadeia de fortes. Serviriam de base para a grande ofensiva que seria lançada assim que chegasse a primavera. O inimigo ripostara com uma rapidez e uma ferocidade que tinham surpreendido o próprio legado, atacando a mais numerosa das colunas que enviara para lá da fronteira. Duas coortes de legionários, quase oitocentos homens. O tribuno que os comandava tinha enviado um estafeta ao legado assim que o ataque se iniciara, solicitando apoio urgente. Quintato resolvera levar o resto da legião baseada em Glevum, assim que nascera o dia, e naquele momento, ao aproximar-se da posição do forte, tinha-se adiantado com uma escolta montada para reconhecer o terreno, o coração pesado por um pressentimento lúgubre sobre o que ia encontrar.

Para lá da colina onde se tinham detido ficava um vale que se estendia profundamente pelo território dos siluros. O legado esforçou os ouvidos, tentando filtrar os barulhos produzidos pelos animais em redor. Mas nenhum som se soltava da paisagem que se desenhava à sua frente. Não se escutava o embater ritmado dos pesados machados com que os legionários deveriam estar a derrubar árvores, para obter madeira para a construção do forte e para criar uma zona desimpedida à volta do fosso que, de acordo com o regulamento, rodearia o perímetro do campo. Nem uma voz ecoava

nas abruptas encostas que envolviam o vale. E nem um indício sonoro de que um combate ainda estivesse a decorrer.

— Chegámos tarde. — Concluiu em voz alta, desanimado. — Muito tarde.

Franziu de novo o sobrolho, irritado por não ter conseguido guardar a sua conclusão para si mesmo, e olhou rapidamente em redor, para tentar perceber se alguém o escutara. Os mais próximos dos homens da escolta mantinham-se impassíveis nas suas selas. Não, corrigiu-se. Impassíveis, não. Nas suas expressões faciais era fácil ler a ansiedade, os olhos a percorrer velozmente a paisagem em redor, tentando descortinar qualquer sinal do inimigo. O legado inspirou lenta e profundamente, acalmando-se, e desenhou um arco no ar com o braço, dando sinal para avançar, enquanto calcava os flancos da sua montada. O animal avançou a passo, as orelhas espetadas como adagas a tremelicar, como se pressentisse o nervosismo do cavaleiro. A estrada tornou-se plana, e, ao fim de poucos passos, os homens que seguiam na vanguarda da coluna ficaram com a entrada do vale bem à vista.

O local de construção do forte ficava uns oitocentos metros mais à frente. Já tinha sido criada uma vasta clareira no pinhal, e os tocos ainda enraizados faziam lembrar dentes partidos espalhados pela terra revolta. A silhueta do forte era perceptível, mas no local onde se deviam situar o fosso, a rampa e a paliçada, não se via mais do que uma pilha arruinada de troncos e vagões carbonizados, decorada com restos das tendas que anteriormente tinham formado filas; as peles de cabra tinham sido rasgadas, arrastadas e espalhadas pela lama. Muitas secções da rampa de terra tinham sido destruídas, e os detritos, misturados com as estacas da paliçada, tinham sido lançados para o fosso. Havia corpos também, de homens, mas intercalados com os de algumas mulas e cavalos. Os cadáveres tinham sido desnudados, e as suas peles pálidas lembravam ao legado, àquela distância, grandes lagartas asquerosas. Estremeceu perante tal ideia, e apressou-se a afastá-la do pensamento. Ouviu os homens a sustarem as respirações perante o espectáculo, e não lhe escaparam algumas imprecações lançadas pelos soldados ao aperceberem-se de toda a extensão do cenário macabro. O cavalo foi reduzindo o passo até parar, e Quintato, irritado, espetou-lhe os calcanhares enquanto fazia estalar as rédeas para o forçar a avançar a trote.

Não havia qualquer sinal de perigo iminente. O inimigo terminara o seu sangrento trabalho havia já muitas horas, e deixara o local, com a sua vitória e os despojos. Tudo o que deixara fora as ruínas do forte, os vagões e os mortos. Isso, e os corvos que se alimentavam já dos cadáveres. À medida que os cavaleiros se aproximavam, as aves, vendo-se forçadas a abandonar o seu macabro festim, elevavam-se no céu, lançando estridentes gritos de

alarme. Pairavam sobre a cena como pedaços de tecido negro a esvoaçar ao vento de uma tormenta, e os seus sons tenebrosos retiniam nos ouvidos do legado.

Quintato refreou a montada ao aproximar-se dos destroços da que estivera para ser a entrada principal do campo romano. As torres que ocupavam os cantos do forte tinham sido as primeiras estruturas a serem edificadas. Agora estavam reduzidas a esqueletos chamuscados, dos quais ainda se evolvavam pequenas colunas de fumo, que contrastavam com o fundo do cenário, as vertentes cobertas de floresta e os afloramentos rochosos, e depois se confundiam com as nuvens cinzentas que cobriam todo o céu opressor. O fosso estendia-se para ambos os lados até aos cantos do forte, onde se avistavam as ruínas das torres. Com um estalo da língua, o legado dirigiu a montada até ao interior do portão destruído. Avistou a rampa interna e o corredor de terreno limpo que acompanhava o interior das defesas. Mais adiante viam-se os restos das tendas alinhadas, e a primeira das pilhas em que tinham sido reunidos os cadáveres. Despidos das armaduras, túnicas e botas, ali estavam, retorcidos, marcados e sulcados pelo sangue que escorria dos escuros lábios das feridas que lhes tinham provocado a morte. Nas suas peles viam-se também muitos outros cortes e rasgões, resultado do trabalho dos bicos dos corvos, e alguns dos corpos exibiam órbitas ensanguentadas, já que os pássaros lhes tinham arrancado os olhos. Alguns corpos tinham sido decapitados, restando deles apenas torsos cobertos de sangue seco e escurecido.

Enquanto Quintato absorvia o terrível espetáculo dos legionários caídos, um dos oficiais do seu estado-maior aproximou o cavalo e lançou um comentário compenetrado.

— Pelo menos parece que alguns dos homens lutaram até ao fim.

O legado não deu atenção ao comentário. Era-lhe fácil imaginar os últimos momentos da vida daqueles homens, a combater arduamente, costas com costas, tentando adiar o fim inevitável. Depois, quando o último dos feridos fora já despachado, o inimigo roubara-lhes armas e equipamento. Tudo o que Carátaco e os seus guerreiros pudessem utilizar fora levado, e o resto lançado ao rio mais próximo, ou enterrado, para impedir que os romanos pudessem recuperar o equipamento e levá-lo para os armazéns da Décima Quarta Legião. Quintato ergueu o olhar e deixou-o percorrer todo o campo. Havia mais corpos por entre as tendas arruinadas, solitários ou em pequenos magotes, que denunciavam o caos que se tinha instalado quando os guerreiros inimigos tinham conseguido ultrapassar as ainda incompletas defesas do perímetro romano.

— Senhor, devo dar ordens aos homens para desmontar e começar a enterrar os mortos?

Quintato olhou para o tribuno, mas precisou de um momento para deixar a questão penetrar-lhe os pensamentos. Abanou a cabeça.

— Deixa-os assim até que o resto da legião nos alcance.

O jovem oficial mostrou-se surpreso.

— Senhor, tem a certeza? Temo que este espetáculo afete o moral dos homens. Que já está bem por baixo, aliás.

— Sei perfeitamente qual é a disposição dos meus homens, muito obrigado — lançou o legado, irritado. Mas arrependeu-se de imediato. O tribuno tinha chegado de Roma havia pouco, todo ele armadura reluzente e vontade de pôr em prática toda a sabedoria militar que tinha recebido em segunda e mesmo terceira mão. Quintato lembrou-se de que ele próprio não fora muito diferente quando pela primeira vez se juntara às legiões. Limpou a garganta e obrigou-se a falar em tom mais calmo.

— Deixa-os ver os cadáveres. — Muitos dos homens também se tinham reunido recentemente à Décima Quarta, já que eram substitutos acabados de chegar a bordo dos primeiros navios a deixarem a Gália depois das tempestades de inverno amainarem. — Quero que percebam o destino que os espera se algum dia permitirem que o inimigo triunfe sobre eles.

O tribuno hesitou um momento antes de aceder.

— Será feito como ordena.

Quintato fez avançar o cavalo sem pressa, seguindo para o coração do campo romano. A destruição e a morte campeavam de ambos os lados da via larga e lamacenta que rasgava as ruínas e se cruzava com uma perpendicular de iguais dimensões. Alcançou por fim os retalhos do que fora em tempos a tenda do comando da coorte. Ao seu lado via-se nova pilha de corpos, e o legado sentiu um arrepio frio pela espinha ao reconhecer o rosto de Sálvio, o centurião-chefe de uma das coortes. O veterano de cabelo grisalho jazia de costas, olhando já sem ver para o céu encoberto, o queixo descaído a mostrar os dentes irregulares e amarelados. Fora um belo oficial, refletiu Quintato. Duro, eficiente e corajoso, e muitas vezes condecorado; não tinha dúvidas de que Sálvio mantivera até ao último momento os elevados padrões de comportamento militar que eram típicos do centurionato. Apresentava inúmeras feridas no peito e no ventre, e o legado estava seguro de que, quando o seu corpo fosse virado, antes de ser removido, não se encontraria nenhum golpe nas costas do homem. Talvez os nativos lhe tivessem deixado a cabeça em sinal de respeito, considerou o legado.

Ainda faltava encontrar o tribuno Marcelo, o comandante do grupo de construção do forte. Quintato apoiou-se na sela, fez a perna rodar sobre a garupa da montada e saltou para o solo, provocando um estrondo molhado na lama. Aproximou-se dos corpos e procurou por sinais do jovem aristocrata cujo primeiro comando independente acabara por se tornar também

no último. Não valia a pena procurar entre os cadáveres decapitados, e o legado evitou-os, enquanto continuava a busca. Não encontrou Marcelo, mesmo depois de revirar alguns dos cadáveres que jaziam de borco. Dois dos homens tinham recebido cortes horríveis nos rostos, e os fragmentos de osso, a carne esmagada e as abas do crânio abertas impediam uma identificação imediata. Encontrar Marcelo teria que ficar para outra ocasião.

Contudo, uma súbita apreensão fez com que se detivesse. Levantou a vista e mais uma vez contemplou as ruínas do campo, fazendo uma rápida estimativa do número de corpos que se via espalhado pela lama. Não se avistava um único inimigo morto. Mas isso era normal. Os nativos levavam sempre os seus mortos para lhes dar honras funerárias em segredo, de forma a que os romanos não os encontrassem e não soubessem quantas baixas tinham provocado.

— Senhor, o que se passa? — Indagou o tribuno, preocupado com a súbita reação do seu superior hierárquico.

— Há demasiadamente poucos dos nossos homens aqui. Pelo meu cálculo, diria que falta um quarto do efetivo.

O tribuno olhou em redor e concordou.

— Nesse caso, onde estão?

— Temos que assumir que foram levados vivos. — Afirmou Quintato, numa voz fria. — Prisioneiros...Que os deuses tenham piedade deles. Nunca se deviam ter rendido.

— O que lhes vai suceder, senhor?

Quintato encolheu os ombros.

— Se tiverem sorte, serão usados como escravos, e forçados a trabalhar até à morte. Antes disso, serão levados de tribo em tribo e mostrados ao povo das montanhas, como prova de que Roma pode ser derrotada. Serão torturados e humilhados ao longo desse périplo, claro.

O tribuno manteve o silêncio por momentos e por fim engoliu em seco, nervoso.

— E se não tiverem sorte?

— Nesse caso, serão entregues nas mãos dos druidas, e sacrificados aos seus deuses. Esfolados ou queimados vivos. É por isso que é sempre melhor não nos permitirmos ser capturados vivos. — Pelo canto do olho apercebeu-se de um movimento, e virou-se para ver o que se passava na estrada que levava à entrada do campo. A centúria que ocupava a vanguarda da coluna acabava de alcançar o cimo da ladeira e começava já a descer para o vale, tentando manter um passo ordenado sobre um terreno cada vez mais lamacento. Nesse momento surgiu uma abertura entre as nuvens e um estreito feixe de luz derramou-se sobre a cabeça da coluna. Um brilho ofuscante denunciou a posição do estandarte com a águia, símbolo das legiões, e dos

outros estandartes com a imagem do Imperador e as insígnias e condecorações das unidades que compunham a força. Quintato interrogou-se se aquele seria um bom prenúncio. Se assim fosse, os deuses tinham de facto um estranho sentido de oportunidade.

O tribuno levantou nova questão.

— Senhor, e agora?

— Hum?

— Quais são as suas ordens?

— Acabarmos aquilo que foi começado. Assim que toda a legião estiver aqui, quero o fosso e a rampa reparados, e depois a continuação dos trabalhos no forte. — Quintato endireitou as costas e enfrentou as florestas escuras que cobriam as encostas que rodeavam o vale. — Hoje, aqueles selvagens conseguiram a sua pequena vitória. Já nada podemos fazer quanto a isso. Algures nessas colinas, eles celebrá-la-ão. Os loucos. Não sabem que isto apenas endurece a vontade de Roma, que prosseguiremos até que o último vestígio de resistência à nossa vontade seja esmagado. Não importa quanto tempo vai levar, podes estar certo de que o Ostório e o Imperador não nos permitirão qualquer descanso até esta tarefa estar concluída. — Os lábios do legado encurvaram-se num breve e amargo sorriso. — Meu caro jovem, farias bem em não te habituares aos confortos do forte em Glevum.

O jovem oficial anuiu, respeitoso.

— Ora bem, vou precisar de uma tenda montada aqui, para instalar o meu quartel-general. Traz alguns homens para limparem o terreno e trata disso. Envia-me também o meu secretário. O governador vai precisar de um relatório sobre este acontecimento, e depressa. — Quintato cofiou o queixo enquanto contemplava os corpos do centurião Sálvio e dos seus camaradas. Sentia o coração pesado perante a perda de tantos homens de valor, e perante o facto de saber que a próxima campanha ia ser tão dura e sangrenta como qualquer das outras que os romanos tinham enfrentado desde que tinham colocado pé naquela maldita ilha.

Mas aquele era um novo tipo de guerra. Os soldados de Roma teriam que ser completamente impiedosos, se queriam ter a esperança de vergar o espírito inimigo. E teriam que ser liderados por oficiais capazes de perseguir o inimigo com uma decisão inabalável e inatacável, sem qualquer piedade nos seus corações. Felizmente, refletiu Quintato, tais homens existiam. Havia um homem em particular cujo nome chegava para fazer gelar o sangue dos seus inimigos. O centurião Querto. Com uma centena de homens do mesmo calibre, os problemas de Roma na Britânia teriam rápido fim. Homens daquele género eram realmente necessários na guerra. Mas o que lhes sucederia em tempos de paz? Esse, concluiu Quintato para si mesmo, era um problema para outros resolverem.

Dois meses depois, no rio Tamesis

— Pelos deuses, esta terra está mesmo mudada. — Notou o centurião Macro, enquanto apontava para os edifícios que se erguiam na margem norte do rio. O cargueiro em que seguiam tinha acabado de executar uma mudança de bordo para acompanhar uma curva larga do rio, e agora a proa apontava diretamente à brisa persistente, fazendo a vela dançar contra o céu cinzento, ineficaz.

O capitão levou as mãos em concha à boca e usou o poderoso vozeirão para lançar uma ordem sobre o amplo convés.

— Lá para cima! Recolham a vela!

Enquanto vários homens trepavam pelo cordame, o capitão virou-se para os restantes tripulantes.

— Lancem os remos à água e preparem-se!

Os marinheiros, uma mistura de gauleses e batavianos, hesitaram apenas um instante antes de se porem ao trabalho, com ar pouco animado. Macro não conseguiu evitar um sorriso ao vê-los, percebendo perfeitamente a natureza do protesto mudo que lançavam: era mais uma questão de forma do que de substância. O que era também habitual com os soldados que conhecera ao longo de toda a sua vida. Deixou que o olhar se voltasse a perder pelas colinas baixas e encadeadas que desenhavam a paisagem de ambas as margens do rio. Grandes extensões tinham sido limpas de arvoredo, e viam-se pequenas quintas espalhadas pelos campos agora abertos. Avistavam-se também alguns edifícios de maiores dimensões com telhados sólidos, uma evidência clara de que Roma começava a estampar a sua marca na nova província. Macro interrompeu os seus devaneios para deitar uma olhadela ao seu companheiro de viagem, ali perto, de cotovelos apoiados na amurada do navio e olhar perdido na agitada superfície do rio, à medida que esta ia sendo rasgada pela embarcação. Macro deitou a subtileza ao vento e tossicou de forma audível, ostensivamente para limpar a garganta.

— Disse eu que esta terra está bem mudada.

Cato agitou-se, olhou para cima ainda sem ver, e acabou por sorrir.

— Desculpe, estava muito longe daqui.

Macro assentiu.

— De pensamentos virados para Roma, aposto. Não te preocupes, miúdo, a Júlia é uma grande mulher, e uma excelente esposa. O seu coração não arrefecerá enquanto espera pelo teu regresso.

Apesar do jovem ter agora uma patente superior, não se tinha apagado a familiaridade que se estabelecera entre os dois homens ao longo dos oito anos que tinham servido juntos. Em tempos fora Macro o mais antigo dos dois, mas Cato tinha-o deixado para trás, subindo nas fileiras até ao posto de prefeito, pronto a assumir pela primeira vez o comando permanente de uma unidade de auxiliares: a Segunda Coorte Trácia de cavalaria. O precedente comandante da unidade tinha sido morto na campanha anterior, e o gabinete imperial das legiões, em Roma, tinha escolhido Cato para preencher a vaga.

— E quando será isso, pergunto-me? — Respondeu o jovem, sem conseguir ocultar a amargura na voz. — Pelo que sei, a celebração triunfal que o Imperador ofereceu para marcar a conquista da Britânia foi um tanto prematura. Quase que aposto que ainda haveremos de estar a combater o Carátaco e os seus seguidores quando formos velhos de barbas brancas.

— Por mim, tudo bem. — Macro encolheu os ombros. — Sempre me sabe melhor um honesto trabalho nas legiões do que aquelas histórias de capa e espada em que nos vimos metidos desde que aqui estivemos pela última vez.

— E eu a julgar que nutria um persistente ódio pela Britânia. Sempre a protestar contra a maldita humidade, e o frio, e a falta de comida decente. Mal podia esperar para se ver daqui para fora, dizia nesses tempos.

— Quem, eu? — Macro fingiu-se inocente, até esfregar as mãos. — Seja como for, cá estamos. Com uma campanha decente pela frente, a possibilidade de novas promoções e recompensas e, acima de tudo, de engordar as minhas economias para a reforma. Também eu tenho ouvido umas coisas, miúdo, e ao que parece há uma fortuna em prata à espera de quem a queira recolher nas montanhas da parte ocidental da ilha. Com uma pontinha de sorte, assim que os nativos levarem uma boa coça e meterem juízo nas cabeças, ficamos como queremos.

Cato não evitou um sorriso.

— Na minha experiência, dar uma coça a alguém raramente o conduz à razoabilidade.

— Discordo. Se souberes onde aplicar e com que força lhe dar, depressa ele fará o que lhe disseres.

— Se o diz. — Cato não estava com disposição para debates. Ainda estava perturbado pela perspectiva de uma longa separação de Júlia. Tinham-se conhecido havia alguns anos, na fronteira oriental do Império, onde o pai dela, o senador Semprônio, desempenhava a missão de embaixador do Im-

perador junto do rei de Palmira. A entrada numa família senatorial por via do casamento constituía uma progressão considerável no estatuto social, especialmente para um oficial subalterno das legiões como Cato era, e não deixava de lhe provocar alguma ansiedade perante a franca possibilidade de se ver desprezado por todos os que provinham de velhas famílias aristocráticas. Porém, o senador Semprônio reconhecera o potencial do jovem, e fora com agrado que autorizara que ele desposasse a sua filha. O casamento fora o dia mais feliz da vida de Cato, mas pouco tempo tivera para se acostumar ao seu papel de marido, já que pouco depois recebera ordem de marcha, vinda do secretário imperial. Narciso estava sob pressão crescente da facção que escolhera o jovem príncipe Nero como sucessor do Imperador Cláudio. O secretário imperial tinha alinhado com os que apoiavam Britânico, o filho natural do Imperador, mas o seu partido não parava de perder influência junto do idoso e atarantado governador do maior império do mundo. Narciso explicara que estava a fazer um favor a Cato, ao enviá-lo para o mais longe de Roma que podia. Quando o Imperador morresse, ia dar-se um confronto impiedoso pelo poder, e os que estivessem do lado perdedor não poderiam esperar qualquer piedade; o mesmo se aplicava a todos que a eles estivessem associados. Se Britânico perdesse o combate, estava condenado, e Narciso com ele.

Uma vez que Cato e Macro tinham prestado bons serviços ao secretário imperial, embora muitas vezes a contragosto, também eles ficariam em perigo. Seria vantajoso que, quando o momento chegasse, estivessem a combater numa fronteira longínqua, longe do olhar vingativo dos seguidores de Nero. Era verdade que Cato tinha salvo a vida de Nero havia ainda pouco tempo, mas também se tinha atravessado no caminho de Pallas, o liberto que controlava a facção que apoiava o príncipe. E o grego não era homem capaz de perdoar a quem se interpusesse entre ele e as suas ambições. A dívida de Nero para com Cato não chegaria para o salvar. E portanto, mal tinha passado um mês após a celebração do casamento, que tivera lugar na casa do pai de Júlia, Cato e Macro tinham sido convocados ao palácio para conhecerem as suas novas colocações: para Cato, o comando de uma coorte trácia, e para Macro o de uma coorte na Décima Quarta Legião; ambas as unidades faziam parte do exército ao dispor do governador da Britânia, Ostório Escápula.

Tinha havido lágrimas quando chegara o momento da partida. Júlia tinha-se agarrado a ele, e ele apertara-a contra si, sentindo o fremito do peito da jovem enquanto ela enterrava a face nas dobras do manto e as suas longas tranças escuras lhe escorriam pelas mãos. Cato sentira o coração dilacerado ao ver a dor que a separação causava à sua jovem esposa, dor que ele partilhava por inteiro. Mas a ordem fora dada, e o sentido de dever que unia

os cidadãos de Roma e lhes tornara possível derrotar todos os inimigos não podia ser contrariado.

— Quando regressarás? — A voz de Júlia era abafada pelas dobras da capa de lã. Ela olhou para cima com os olhos avermelhados, e Cato sentiu uma onda de angústia a correr-lhe pelo peito. Forçou-se a dar-lhe um sorriso despreocupado.

— A campanha não deverá ser longa, meu amor. O Carátaco não conseguirá resistir muito mais tempo. Derrotá-lo-emos.

— E depois?

— Depois, esperarei para ver quem será o novo Imperador, e quando for seguro regressar, candidatar-me-ei a um posto na administração civil em Roma.

Ela cerrou os lábios.

— Mas isso pode levar anos.

— Sim.

Ficaram os dois em silêncio por momentos, até que Júlia voltou a falar.

— Eu podia ir ter contigo à Britânia.

Cato inclinou a cabeça para o lado.

— Talvez. Mas não para já. Aquela ilha, por enquanto, não passa de um recanto bárbaro e atrasado. A maior parte das comodidades a que estás habituada estão ausentes. E há ameaças e perigos, o menor dos quais não será o ar pouco saudável daquelas paragens.

— Isso pouco importa. Cato, sabes que já passei pelas mais terríveis condições. Sabe-lo muito bem. E depois de tudo o que já passámos, merecemos estar juntos.

— Sim, bem o sei.

— Portanto, promete-me que me chamarás para junto de ti assim que tal for seguro. — Apertou com mais força ainda a capa do marido e fitou-o nos olhos com toda a intensidade. — Promete-me.

Cato sentiu que se dissolvia a sua firme resolução de a proteger de todos os perigos e desconfortos da nova província.

— Prometo.

Ela afrouxou a pressão e deu meio passo atrás, com uma expressão de alívio sofrido no rosto, e assentiu.

— Meu querido Cato, não me faças esperar demasiado tempo.

— Nem um dia a mais do que achar necessário. Juro-o.

— Bom. — Ela sorriu e pôs-se em bicos dos pés para o beijar na boca, afastando-se de novo para lhe segurar nas mãos uma última vez, antes de se endireitar. — Tens de ir.

Cato deitou-lhe um último e demorado olhar, antes de inclinar a cabeça e deixar para trás a casa do senador, seguindo pela rua que levava ao

portão da cidade, onde ia embarcar num barco para descer o Tibre e se juntar a Macro no porto de Óstia. Olhou para trás ao chegar ao fundo da rua e viu-a, ainda à porta; teve que se obrigar a virar-se e prosseguir até não mais conseguir vislumbrar a casa.

A dor da separação não tinha diminuído ao longo da viagem por mar até Massillia, e depois por terra até Gesoriacum, onde tinham voltado a embarcar num cargueiro para a última fase da viagem até à Britânia. Era estranho regressar à ilha depois de tantos anos. Naquele dia o navio tinha passado pela zona onde Cato e os seus camaradas da Segunda Legião tinham em tempos realizado um desembarque na margem do rio, enfrentando uma horda de guerreiros nativos constantemente incitados por druidas aos berros, a lançar invetivas e maldições sobre os invasores. Era uma lembrança difícil e um alerta para o que se avizinhava, e Cato temia fortemente que vários anos se haviam de passar antes de considerar a área suficientemente segura para poder chamar a esposa para junto de si.

— É aquilo lá à frente? Londinium?

Cato virou-se: uma mulher já idosa, esguia e de feições duras, caminhava pelo convés, vinda da direção da escotilha que dava acesso às acomodações atravancadas dos passageiros. Trazia um xaile sobre a cabeça, de onde se escapavam alguns fios de cabelos grisalhos que esvoaçavam na brisa. Cato sorriu-lhe à laia de saudação, e Macro saudou efusivamente a recém-chegada, que se lhes juntou na amurada.

— Mãe, estás com muito melhor aspeto.

— Claro que estou. — Ripostou ela, de forma agreste. — Agora que esta maldita casca de noz parou de se remexer para todos os lados. Julguei mesmo que aquela tempestade nos ia mandar para o fundo. E, com toda a franqueza, teria sido um favor. Nunca me senti tão mal em toda a minha vida.

— Aquilo nem foi uma tempestade a sério. — Comentou Macro, desdenhoso.

— Não? — Ela acenou na direção de Cato. — O que acha? Vomitava com tanta vontade como eu.

Cato fez uma careta. O oscilar e baloiçar do navio na noite anterior tinha-o deixado num estado miserável, enrolado numa bola enquanto vomitava para um recipiente colocado ao lado da enxerga. Normalmente, já pouco lhe agradavam as travessias no Mediterrâneo. O mar revolto ao largo da Gália tinha sido uma verdadeira tortura.

Macro fungou, dando pouca importância ao assunto.

— Mal soprava uma brisa. E o ar era fresco, apetecível. Sempre me meteu um bocado de sal nos pulmões.

— E ao mesmo tempo tirava-nos tudo o que tínhamos nas entranhas.

— Replicou a mãe. — Preferia morrer a passar por aquilo outra vez. Aliás, o melhor é nem pensar mais nisso. Estava eu a dizer, aquilo além é Londinium?

Os outros viraram-se para olhar na direção que ela indicava, e apreciaram os edifícios distantes que marcavam a margem setentrional do Tamesis. Tinha sido ali construído um cais, limitado por grandes estacas cravadas no leito do rio, onde se apoiavam vigas que continham o enchimento de terra e pedras, cuja superfície fora alisada e depois pavimentada. Havia vários cargueiros lá atracados, e outros esperavam a sua vez de descarregar, ancorados um pouco a montante. No cais, fileiras de escravos agrilhoados atarefavam-se a levar os bens dos porões dos navios para os longos e baixos armazéns. Por trás destes avistavam-se outros edifícios, muitos ainda em construção, assinalando a contínua expansão da nova cidade. A uns cem passos da margem distinguia-se um vasto complexo de dois andares que dominava as edificações próximas. Devia ser a basílica, reconheceu Cato, onde se situariam o mercado, os tribunais, lojas, gabinetes e escritórios da administração, como acontecia em todas as cidades fundadas por Roma.

— É Londinium, pois. — Confirmou o capitão, juntando-se aos seus passageiros. — Cresce mais depressa do que um abcesso no cu duma mula. E com o mesmo grau de limpeza.

— Oh? — Espantou-se a mãe de Macro.

— É isso mesmo, menina Pórcia. Aquilo é um verdadeiro ninho de ratos. Ruas estreitas, repletas de lama, botequins de baixa categoria e bordéis. Ainda vai levar um bocado a tornar-se decente e a transformar-se no género de cidade a que está habituada.

— Ótimo. Era mesmo isso que eu queria ouvir.

O capitão não escondeu uma careta de espanto, e Macro soltou uma gargalhada.

— Ela veio para cá para se dedicar aos negócios.

O capitão encarou a mulher com nova atenção.

— Que género de negócios?

— Tenciono abrir uma estalagem. — Explicou ela. — Há sempre necessidade de uma bebida, e de outro género de confortos, ao fim de uma viagem marítima, e atrevo-me a imaginar que Londinium deve estar cheia de mercadores, marinheiros e soldados, sempre a entrar e sair pelos portões. Todos eles bons clientes para o tipo de serviços que oferecerei no meu estabelecimento.

— Oh, não há falta de movimento, isso é verdade — confirmou o capitão. — Mas o negócio é duro. Ainda mais numa nova província como esta. O tipo de mercadores que anda por cá a fazer fortuna

é rijo. Não apreciarão que uma mulher venha de Roma para lhes fazer competição.

— Já lidei com homens bem duros na estalagem que tinha em Ravena. Duvido que os locais me coloquem grandes problemas. Especialmente quando souberem que o meu filho é um centurião-chefe da Décima Quarta Legião. — Pegou no braço de Macro e deu-lhe um aperto de afeição.

— É verdade. — Anuiu o centurião. — Quem se meter com a minha mãe está a meter-se comigo. E a coisa não correu nada bem a quem já o tentou.

O capitão avaliou o físico entroncado e poderoso do oficial romano, contemplou as cicatrizes que ele exibia no rosto e nos braços, e não teve dificuldade em acreditar no que ouvia.

— Ainda assim, senhora, não percebo porque resolveu vir para esta ilha. Se tivesse montado um estabelecimento em Gesoriacum estaria muito mais confortável. E também por lá não lhe faltariam clientes.

Pórcia cerrou os lábios.

— É aqui que se pode fazer dinheiro a sério, com gente que não hesita em gastá-lo. Além disso, este rapaz é tudo o que me resta neste mundo. Quero estar perto dele, na medida do possível. Quem sabe, quando ele deixar as legiões talvez me possa ajudar no negócio.

Os olhos de Macro alumiaram-se ao ouvir tal possibilidade.

— Ah, aí está uma bela ideia. Todo o vinho e todas as mulheres que um homem pode querer, sem sair de casa!

Pórcia deu-lhe um safanão no braço.

— Pensando melhor... Vocês, soldados, são todos iguais. Seja como for, hei de fazer fortuna aqui em Londinium, e aqui ficarei até ao fim dos meus dias. O que fazes com a tua vida é contigo, Macro. Mas por mim, é aqui que vou ficar. Esta será a minha última morada.

O navio aproximava-se do cais num ritmo constante. À medida que se aproximavam da povoação, as pessoas a bordo aperceberam-se pela primeira vez do cheiro que se desprendia dela, um odor acre, a turfa e esgoto, que se misturava com o fumo de lenha, se prendia nas gargantas e as irritava.

— Bem, parece-me que afinal o ar do mar sempre é mais recomendável. — Resmungou Cato, enquanto torcia o nariz.

Não havia espaço para atracarem, pelo que o capitão deu ordens para que se dirigissem para o fim da linha de navios ancorados a montante. Viu-se para os passageiros para lhes oferecer uma desculpa.

— Ainda vai levar algum tempo até chegar a nossa vez de acostar. Claro que podem ficar a bordo, mas se preferirem posso mandar alguns dos rapazes levá-los para terra no bote.

Cato afastou-se da amurada e adotou os modos militares que tinha aprendido com Macro, empertigando-se e falando de forma decidida.

— Vamos a terra. O centurião e eu temos que nos apresentar às autoridades militares assim que for possível.

— Sim, senhor. — O capitão tocou com a mão na testa, como que a reconhecer instintivamente que o tom informal em que decorrera a travessia se tinha desvanecido. — Vou tratar disso imediatamente.

O capitão não era homem de palavra vã, e pela altura em que a âncora do navio mergulhava na corrente e a tripulação recolhia os remos, as sacas dos dois oficiais e as arcas e malas que pertenciam a Pórcia já tinham sido tiradas do porão. O esquife, uma pequena embarcação de proa quadrada e larga, foi baixado até à água, e dois remadores saltaram agilmente lá para dentro e aprestaram-se a auxiliar os passageiros a descer. Não havia espaço para mais nada; as bagagens teriam que ser levadas numa segunda viagem. Cato foi o último a tomar lugar a bordo, e quando desceu para a minúscula embarcação pôs-se a agitar freneticamente os braços para manter o equilíbrio, até que se deixou cair pesadamente num dos bancos. Macro lançou-lhe um olhar desconsolado e um asso-bio gozão; os remadores manobram os remos, dirigindo o bote para o cais. Agora que estavam mais próximos de Londinium, percebiam que a superfície do rio estava manchada pelo fluxo do esgoto que se escoava das aberturas ao longo do cais. Na água parada que se mantinha naquela zona viam-se pedaços de madeira partida por entre outros materiais flutuantes, e havia ratazanas a correr de destroço em destroço, em busca de qualquer coisa comestível. Numa das pontas do cais estava localizada uma escadaria de madeira, e os remadores orientaram para lá o bote. Quando acostaram, o homem mais próximo recolheu o remo e esticou-se para agarrar o molho de cabos escorregadios que servia de amortecedor no cais. Aguentou a posição enquanto o seu companheiro passava uma corda pelo poste de amarração.

— Ora cá estamos, senhores e senhora. — O homem sorriu e ajudou-os a saltar para os degraus em terra firme. Cato seguiu à frente e subiram as escadas até ao cimo do cais, onde puderam apreciar a congestionada via que ocupava o espaço entre os navios atracados e os armazéns. Uma cacofonia de vozes enchia a fresca tarde primaveril, e no meio dela distinguiam-se os sons das mulas, os estalos dos chicotes e os berros dos capatazes que comandavam as cadeias de escravos. Apesar de a cena ter um aspeto caótico, Cato não tinha dúvidas de que representava, em cada ínfimo detalhe, a prova da transformação que afetava aquela ilha, que tinha desafiado o poder de Roma durante perto de cem anos. Para o bem ou para o mal, a mudança chegara à Britânia, e quando as últimas bolsas de resistência tivessem sido

esmagadas, a nova província seguiria a norma e tornar-se-ia verdadeiramente parte do Império.

Macro juntou-se a ele e olhou rapidamente em redor, antes de resmungar.

— Bem-vindos de volta à Britânia... o verdadeiro cu do mundo civilizado.

Depois do bote regressar com as bagagens, Macro abordou um grupo de homens desocupados, junto ao armazém mais próximo.

— Preciso de portadores. — Anunciou, usando o tom de voz elevado e claro que costumava empregar na parada. Os homens apressaram-se a responder, e ele escolheu alguns dos mais fortes, um dos quais tinha uma tira de cabedal em volta da cabeça, para manter a vista livre do cabelo louro e espesso. Na testa, mal coberta pela tira, tinha uma marca. Macro reconheceu-a de imediato. Era o símbolo de Mitra, relativo a uma religião com origem no oriente que se espalhava rapidamente pelas fileiras do exército romano.

— Tu foste em tempos um soldado, se não estou enganado?

O homem dobrou o pescoço.

— Sim, senhor, fui. Até que levei com uma lança silura na perna. Fiquei a coxear, já não conseguia marchar ao ritmo do resto dos rapazes. O exército teve que me passar à disponibilidade, senhor.

Macro avaliou-o de alto a baixo. O homem envergava uma capa militar já muito puída por cima da túnica, e as botas eram mantidas no lugar por tiras de pano apertadas.

— Deixa-me adivinhar. Estouraste o prémio de saída e viste-te reduzido a este estado.

O ex-soldado assentiu.

— Sim, senhor, foi mais ou menos isso.

— Como te chamas, e a que unidade pertencias?

— Legionário Marco Metelo Décimo, da Augusta Segunda Legião, senhor! — O homem pôs-se em sentido e fez um esgar de dor involuntário antes de levar uma mão à perna para a tentar manter firme.

— A Segunda, hã? — Macro cofiou o queixo. — A minha velha malta. Ou, aliás, a nossa velha malta. — Fez um gesto com o polegar indicando Cato. — Servimos sob o comando do legado Vespasiano.

Décimo inclinou a cabeça, pesaroso.

— Isso foi antes do meu tempo, senhor.

— Uma pena. Muito bem, Décimo, ficas encarregado destes

homens. A nossa bagagem está além, no cais, ao pé do meu amigo e da senhora.

Décimo olhou na direção indicada e fungou.

— Um bocado velha demais para ele. A não ser que tenha dinheiro... Nesse caso, nunca são velhas demais.

Macro rangeu os dentes.

— A mulher em questão é a minha mãe... Vai mas é fazer o que te disse!

Décimo voltou-se rapidamente e fez sinal aos outros para o seguirem. Enquanto pegavam nas arcas e nas sacas, Cato pediu orientações.

— Onde é que está aquartelada a guarnição local?

— Não há guarnição, senhor. Nenhum forte. Aliás, não existem quaisquer fortificações. Aqui há uns anos construíram um forte, mas a cidade cresceu tão depressa que ele acabou engolido. È onde estão agora a construir a basílica; era lá o antigo forte.

— Estou a ver. — Cato suspirou, frustrado. — Nesse caso, onde é que posso encontrar algum representante do governador?

Décimo pensou por instantes.

— Bem, senhor, creio que deve ir às acomodações do governador. Ficam ao lado do local das construções. Há de encontrá-lo por lá.

Cato não escondeu a surpresa.

— Ostório está aqui em Londinium?

— Sim, senhor.

— Mas a capital da província é Camulodunum.

— Oficialmente, sim, senhor. Afinal de contas, foi de lá que veio o Carátaco, e é lá que o Imperador Cláudio prometeu erigir um templo a si mesmo. Mas fica demasiado a leste. Seja lá o que pretenderem em Roma, toda a gente aqui parece preferir fazer de Londinium a cidade mais importante. Até o governador. E é por isso que o pode encontrar por cá.

Cato assimilou toda a informação e agradeceu.

— Muito bem, leva-nos até à casa do governador.

Décimo dobrou o pescoço e depois de colocar um dos sacos ao ombro, e a grunhir devido ao peso da armadura que continha, seguiu a coxear por uma rua que se afastava do porto.

— Senhor, siga-me então.

Londinium depressa se mostrou tão desagradável como o capitão do cargueiro os tinha prevenido. As ruas eram estreitas e cheias de gente e, ao contrário do que se passava em Roma, não havia quaisquer restrições ao trânsito de veículos com rodas durante o dia. Cato e os outros tiveram que lutar para abrir caminho nas ruelas acanhadas, repletas de carroças, cavalos e pessoas. Décimo e os seus companheiros, conhecedores da

disposição das ruas, seguiam a bom ritmo, e Cato temeu que acabassem por os perder de vista. Fez um gesto dissimulado a Macro, para que ajudasse a mãe a deslocar-se pelo meio da turba com mais agilidade. Pelas vestes e feições das pessoas que cruzava, Cato concluiu que a maior parte provinha de outras regiões do Império, e que se dedicavam muito provavelmente a tentar arrecadar dinheiro fácil numa nova província. Pórcia teria que enfrentar competição muito dura, refletiu, e seria de desejar que a patente do filho fosse realmente suficiente para proteger os seus interesses dos bandidos, ladrões e fura-vidas que já predavam os menos capazes na cidade de Londinium.

— Mãe, tudo bem? — Indagou Macro.

Pórcia olhava com firmeza para um grupo de nativos de alguma tribo que passava pela rua, embrulhados em peles e ostentando tatuagens em linhas que serpenteavam pelos braços abaixo.

— Selvagens...

Cato sorriu para si mesmo, mas depois franziu o sobrolho. Ainda havia muito caminho a percorrer até que os povos daquela ilha aceitassem o domínio de Roma. Carátaco e os seus seguidores podiam estar naquele momento muito longe de Londinium, lá para o ocidente, mas o espírito dos povos tribais que viviam na cidade e nas suas redondezas estava longe de se encontrar sob perfeito controlo. E se as legiões sofressem algum sério contratempo, seguramente que tal encorajaria mais do que um punhado de nativos a lançarem-se numa revolta aberta contra Roma. Se o poderio do exército do governador estava concentrado na fronteira, poucas forças haveria para impedir os rebeldes de devastarem as partes da província que, de acordo com os burocratas em Roma, já eram consideradas como pacificadas e como tal marcadas nos mapas.

— Onde raio se meteu aquele Décimo e a sua cambada? — Protestou Macro, esticando o pescoço, mas incapaz de ver grande coisa, dada a sua baixa estatura.

— Uns vinte passos adiante. — Explicou Cato.

— Não percas esses sacanas de vista. A última coisa de que precisamos é que nos roubem o equipamento assim que pusermos pé em terra firme. Não estou disposto a reintegrar as legiões como se fosse um recruta verde acabadinho de sair debaixo das saias da mãe.

Pórcia fungou.

— Meu filho, se há uma coisa que não és, é um filhinho da mamã.

Prosseguiram apressados, tentando não perder de vista os homens que lhes transportavam as bagagens. Ao chegarem a um cruzamento onde carroças carregadas de ânforas empilhadas se cruzavam em todas as direções e na maior confusão, não avistaram os homens do outro lado da estrada.

Cato sentiu o coração a afundar-se no desespero, e uma onda de cólera contra Décimo, por os ter enganado.

— Ei! Prefeito! Por aqui.

Virou-se na direção da voz e avistou Décimo e os seus companheiros um pouco à esquerda. O antigo legionário abanou a cabeça com ar de gozo.

— Cá estou eu com a minha perna coxa, e mesmo assim os oficiais não me conseguem acompanhar. Onde irá este mundo parar?

Antes que Cato pudesse interrompê-lo e dizer-lhe para ter atenção à língua quando se dirigia a um superior, o outro ergueu uma mão e apontou para um grande portão próximo, do outro lado da rua para onde tinham virado. Por trás do muro, Cato avistou andaimes e a alta estrutura de madeira de uma grua erguendo-se contra o céu cinzento.

— Cá estamos, prefeito. Ali fica a basílica. Ou o que há de ser a basílica, um dia destes.

Sem esperar por resposta, Décimo recomeçou a andar, mas naquela rua o tráfego era menos denso, e os romanos conseguiram acompanhá-lo sem dificuldade. Depois de passar o comboio de carroças com ânforas, atravessaram a rua até ao portão, e dirigiram-se aos dois legionários que estavam de guarda. O arco do portão tinha sido rebocado e caído, mas a tijoleira das paredes ainda estava inacabada.

— Digam ao que vêm. — Instou um dos guardas com ar descontraído, enquanto passava o olhar sobre os dois homens e a mulher mais idosa, tentando perceber qual era o seu estatuto social. Os dois oficiais vestiam túnicas novas e imaculadas, e capas militares que tinham adquirido em Roma antes de partirem. Apesar de não ostentarem quaisquer insígnias que indicassem as suas patentes, nem quaisquer anéis reveladores de riqueza pessoal, o porte dos dois oficiais e as cicatrizes que exibiam contavam já boa parte da sua história. Sobretudo a longa linha lívida que atravessava a face de Cato, da testa ao queixo. Depois de absorver a informação, a sentinela limpou a garganta e adotou um tom mais moderado.

— Senhor, em que posso ajudá-lo?

— Somos o prefeito Quinto Licínio Cato e o centurião Lúcio Cornélio Macro. — Acenou, designando Macro, antes de prosseguir. — Acabámos de chegar de Roma para assumir os nossos postos. Queremos apresentar-nos ao governador e encontrar aposentos.

— Senhor, aqui não encontrará nada disso. Deitaram abaixo o forte há dois meses.

— Já ouvi. Imagino que Ostório e o seu pessoal administrativo não trabalham ao relento, ainda assim?

— Isso é que havia de ser bonito, senhor! — A sentinela virou-se e usou

o dardo para apontar para mais andaimes que rodeavam um vasto complexo com um andar apenas.

— É o princípio do palácio do governador. Ordenou aos construtores que acabassem o andar térreo e deixassem assim, por agora. Ainda assim, conseguiram colocar o hipocausto antes de pararem, por isso lá dentro está tudo quentinho e aconchegante. Ao contrário de nós, encarregados da proteção do governador. Dormimos em tendas no exterior.

— É o que fazem os soldados, rapaz. — Macro deu um estalo com a língua. — Se é demasiado duro para ti, talvez devesse ter-te juntado a uma tropa fandanga de atores mariconços, ou coisa do género.

— Vamos! — Cato fez um gesto com o braço, e seguiu pelo caminho que tinha sido aberto no estaleiro de construção. Aos lados havia pilhas de vigas e tábuas, de tijolos e telhas, e longas valas para misturar cimento. As fundações de várias estruturas de grandes dimensões tinham sido terminadas e havia paredes com altura até à cintura a demarcarem as divisões do primeiro grande edifício cívico da nova província, que dominaria a paisagem e inspiraria temor e admiração no coração de todo e qualquer nativo que o avistasse. No local trabalhavam centenas de homens, incluindo algumas cadeias de escravos, usados para transportar materiais pesados sempre que necessário. Os sons dos seus grunhidos, o serrar da madeira e os estalos das pedras a serem partidas para serem reduzidas às dimensões necessárias misturavam-se com as instruções lançadas aos gritos pelos capatazes e encarregados.

Macro acenava satisfeito enquanto passavam pelas obras.

— Quando estiver acabado, será um edifício e peras.

Na outra ponta do recinto tinha sido deixada uma abertura nos andaimes para permitir a passagem até ao edifício semiconstruído que ali se situava, que servia de sede administrativa ao governador Ostório e ao seu pessoal. Dois dos elementos da sua escolta guardavam a entrada. Cato viu-se obrigado a repetir o propósito da sua visita, e depois voltou-se para os portadores das bagagens, para lhes pagar, depois de eles terem deixado os seus fardos à entrada improvisada do edifício. Pegou na bolsa que levava ao cinto e desapertou as correias que a fechavam.

— É um sestércio, senhor. — Décimo levou um dedo à testa, numa saudação informal. — A cada um.

Macro arregalou um olho.

— Pelos deuses, isso é exorbitante.

— Senhor, é a tabela corrente em Londinium.

Cato virou-se para um dos guardas.

— Confirmas?

O legionário assentiu.

— Muito bem. — Pescou algumas moedas na bolsa, contou-as e entregou-as a Décimo e aos outros. — Ao que parece, a vida em Londinium vai-nos sair cara. Podem ir... Décimo, uma palavra.

O ex-legionário acenou aos companheiros para irem andando e virou-se para Cato.

— Senhor?

Cato encarou-o, tentando ver para além dos trapos sujos e rasgados e do cabelo desgrenhado, avaliando o homem que em tempos fora um legionário. Se Décimo dizia a verdade, a sua carreira militar tinha sido abreviada pelas fortunas da guerra. As mesmas que tinham decidido poupar Cato e Macro ao longo de todas as campanhas e batalhas desesperadas que tinham enfrentado durante tantos anos de serviço. Às vezes, Cato não conseguia evitar pensar que estava a levar ao limite a porção de sorte que lhe fora distribuída. Mais cedo ou mais tarde, uma lança, uma espadeirada, uma seta, algo o havia de encontrar, como acontecera com Décimo e com tantos outros.

— Quantos anos serviste aqui na Britânia?

Décimo coçou o queixo.

— Vim para cá há cinco anos, do centro de treino em Gesoriacum. Servi na Segunda na campanha contra os deceanglos, antes de ser enviado num destacamento de reforço à Décima Quarta em Glevum. Mais dois anos em campanha contra os siluros, até que ganhei isto. — Fez uma festa na perna aleijada.

— Muito bem. — Cato assentiu e pensou um momento antes de prosseguir. — E agrada-te este trabalho de rato de porto?

— Senhor, foda-se, odeio isto. — Virou-se apressadamente para Pórcia. — Peço desculpa, senhora.

Pórcia olhou-o sem se desmanchar.

— Passei quase quinze anos a viver com um fuzileiro. Portanto, podes meter a merda da desculpa onde bem te aprover.

Macro olhou para a mãe chocado; o queixo descaiu-lhe, mas fechou rapidamente a boca, decidindo que o melhor era ignorar a resposta.

Décimo voltou a virar-se para Cato.

— Mas o que pode fazer um soldado inválido? Ainda tive sorte por ter recebido uma fração razoável do bónus de passagem à disponibilidade. Chegou para me permitir esta vida, mas mal dá para sobreviver.

— Estou a ver. — Replicou Cato. — Bom, pode ser que tenha trabalho para ti. Nada de grandioso, mas pode implicar algum perigo. Se estiveres interessado, vem ter aqui pela alvorada.

Décimo pareceu surpreendido, mas rapidamente dobrou o pescoço e afastou-se a coxear.

Macro observou-o até o homem já não os conseguir ouvir, e virou-se para Cato.

— O que foi essa história?

— As coisas mudaram desde que aqui estivemos. Sim, vamos ter uma reunião com o governador, mas ele vai pintar o cenário de acordo com a sua perspectiva. A mistura costumeira de confiança e de menosprezo à ameaça que o inimigo representa. Ostório é como outro qualquer governador de província. Vai-nos tentar convencer que o período em que ocupou o posto foi um grande sucesso, e quererá que qualquer carta ou relatório que mandemos para Roma reflitam essa opinião. Portanto, pode-nos ser útil saber o que pensa uma das “mulas de Mário”. Além disso, vou precisar de ter alguém no campo para tratar do meu equipamento. Alguém em quem possa confiar, espero.

— Confiar? — Pórcia fungou com desprezo. — Aquele vagabundo? A mim parece-me um vulgar meliante como os outros.

Cato agitou o dedo.

— Não se precipite nos seus julgamentos. A aparência não é tudo. Se fosse assim, toda a gente correria para se afastar do seu filho.

— Isso já acontece. — Lembrou Macro. — Se é que sabem o que é bom para eles.

— Oh, tu! — A mãe deu-lhe uma pancada amigável no ombro. — Não passas de um gatinho disfarçado de tigre. Não penses que não te conheço. E o mesmo acontece com o Cato.

Macro corou de embaraço. Detestava falar de sentimentos, e a ideia de que podia ter de facto um lado mais sensível na sua natureza desgostava-o profundamente. Os sentimentos eram para poetas, artistas, atores e outras categorias de mortais sem importância. Um soldado era diferente. A ele pedia-se que esquecesse coração e cérebro e cumprisse o seu dever. E quando estivesse de folga, não se podia deixar amolecer. Claro, admitiu, alguns soldados eram diferentes. Deitou uma olhadela a Cato, magro, esguio e, até muito recentemente, de ar quase juvenil. Agora o olhar do amigo tinha adquirido uma certa dureza, e o ar por vezes atarantado de anos passados tinha praticamente desaparecido. Agia com claro propósito e com a economia de esforço que era a marca de um veterano. Ainda assim, Macro conhecia-o suficientemente bem para saber que a mente do jovem nunca descansava, treinada que estava pelos trabalhos dos filósofos e historiadores que estudara com tanta paixão quando pouco mais era que um rapaz. Cato era, de facto, um tipo muito diferente de soldado, refletiu, e aceitou a contragosto que isso só o fazia ainda melhor nas funções que desempenhava.

Limpou a garganta com um profundo arranque de irritação, antes de se dirigir a Cato.

— Bem, a decisão é tua. Mas porque é que não te limitas a comprar um escravo? Podes bem suportar a despesa. E haverá com certeza bons negócios aqui em Londinium, com tantos prisioneiros feitos pelo exército.

— Não quero nenhum tipo das tribos. A última coisa de que preciso é de um nativo cheio de ressentimento a limpar a minha espada e a tratar da minha segurança, dia e noite, enquanto combato o inimigo. Não, tem que ser alguém que esteja nessa posição porque assim o deseja. E se o Décimo foi de facto um soldado, quem posso arranjar de melhor? Além do mais será um bom guia para o moral dos homens.

Macro considerou por momentos e assentiu.

— Seja. Bom, vamos lá encontrar sítio para guardar o equipamento. — Virou-se para a mãe. — Ficas bem sozinha por algum tempo?

— Ao longo dos últimos cinquenta anos não tive grandes problemas... Vão lá ao vosso trabalho.

Uma das sentinelas indicou-lhes o bloco da administração que estava a ser usado pelo governador, e atravessaram um pátio até à respetiva entrada. As espessas paredes da estrutura abafavam ligeiramente os sons da construção, mas havia em cima de todas as pedras uma fina camada de poeira e sujidade, e nas margens do pátio acumulavam-se materiais de construção diversos. Um punhado de escribas passavam de escritório em escritório, empunhando tábuas enceradas ou montes de documentos enrolados. No interior, braseiros proporcionavam calor, e dezenas de homens trabalhavam nas secretárias longas que preenchiam o salão principal. Cato aproximou-se de um jovem tribuno debruçado sobre a mesa enquanto lia um documento, e bateu com os nós dos dedos na madeira. O homem levantou o olhar com cara de enjoado.

— Sim?

Cato procedeu a uma apresentação rápida.

— Acabámos de chegar. Tenho que me apresentar ao governador e precisamos de acomodações até deixarmos a cidade, a caminho dos nossos postos. E também de um quarto para uma senhora.

— Acomodações? Não há grande coisa. Já tivemos que converter os estábulos em quartos. Ainda há alguns lugares. Não é muito húmido, e há camas decentes em cada compartimento.

— E quanto a lugares na cidade?

— Podem sempre tentar. Vai sair caro, e são pouco agradáveis. A maior parte são alugados à hora, se percebe o que quero dizer, senhor.

— Ficamos no estábulo. — Decidiu Cato. — O nosso equipamento está à entrada. Manda alguns homens levarem-no para o nosso, hum, estábulo. O centurião Macro e eu precisamos de nos apresentar ao governador Ostório de imediato. Se pudesses levar-nos a ele...

O tribuno suspirou e largou o relatório que tinha estado a estudar, antes de raspar a cadeira no chão e se pôr em pé.

— Por aqui, senhor. Tratarei da vossa bagagem quando regressar.

Levou-os para as traseiras do salão e por um corredor ladeado por pequenos gabinetes. Alguns estavam apinhados com mais escribas, outros eram ocupados por oficiais e funcionários civis que pertenciam ao pessoal do governador.

A porta ao fundo do corredor estava aberta de par em par, e o tribuno fez-lhes um gesto para se deterem enquanto ele avançava e batia levemente na estrutura de madeira.

— Senhor, estão aqui dois oficiais para o verem. Acabam de chegar de Roma.

Deu-se uma pausa, e depois veio a resposta numa voz fina e fatigada.

— Oh, muito bem. Eles que entrem.

O governador Ostório estava sentado por trás da secretária, embrulhado num espesso manto escarlate. Um braseiro adicionava mais calor ao gerado pelo hipocausto, e tornava o ar dentro da divisão quase asfixiante. O governante estava sentado num banco perto do fogo, ostensivamente empenhado no estudo de várias pilhas de documentos e tábuas. Olhou com ar algo desalentado para os dois oficiais que entraram para o gabinete e pararam a distância respeitosa, para o saudarem formalmente. Cato notou as profundas linhas que sulcavam o rosto do governador, e que este tinha os olhos encovados e enrugados. Sabia que Ostório tinha granjeado uma excelente reputação como soldado e administrador, e que era um comandante duro e exigente. Era-lhe difícil ajustar essa fama ao indivíduo de aspeto frágil e cansado que ali estava sentado à sua frente.

— Apresentem-se. — Instou o governador, antes de tossir e levar o punho mal fechado aos lábios até que a irritação dos pulmões amainasse. — Então?

Sendo o oficial de mais alta patente, Cato tomou a palavra.

— Prefeito Quinto Licínio Cato, senhor.

— Centurião Lúcio Cornélio Macro, senhor. — Juntou Macro.

O governador contemplou os dois recém-chegados em silêncio por momentos.

— Terão que entregar as vossas folhas de serviço ao chefe de pessoal. Mais tarde vê-las-ei com atenção. Gosto de saber o calibre dos meus oficiais. Dados os problemas que enfrento por aqui, não me posso dar ao luxo de acolher gente sem valor. Calculo que tenham sido designados para postos específicos no meu exército?

— Sim, senhor. — Replicou Cato. — Fui colocado no comando da Segunda Coorte Trácia de cavalaria.

— Uma boa unidade. Uma das melhores que tenho à minha disposição. Tem-no sido desde que o comandante interino tomou conta dela. O centurião Querto tem dado muito trabalho ao inimigo, ao que sei. Espero que prossigas nesse caminho quando assumires o comando. — Ostório virou-se para Macro. — E tu?

— Fui nomeado para a Décima Quarta Legião, senhor.

— Estou a ver. — O governador assentiu lentamente, e depois prosseguiu. — Nesse caso, ambos se irão juntar à coluna principal do exército, comandada pelo legado Quintato. Um bom oficial, mas pouco tolerante para com aqueles que não se mostram à altura dos seus padrões. Seja como for, preciso de todos os homens que possa arranjar. E de oficiais mais ainda, dada a velocidade a que os temos perdido. Atrevo-me a dizer, Macro, que não haverá falta de uma vaga para ti entre os centuriões-chefe da Décima Quarta. Aliás, creio mesmo que, enquanto te aguentares vivo, claro está, deverás ser um dos mais experimentados centuriões de toda a legião.

Macro sentiu uma ponta de irritação perante as palavras do governador. Não merecia ser tratado como se fosse um insignificante comandante de um posto avançado, um centurião sem grande valor.

— Senhor, tenciono sobreviver o tempo suficiente para chegar à reforma, e à minha gratificação de saída da legião. Não é um bárbaro qualquer que me vai impedir de lá chegar. Muitos já o tentaram, e pagaram o preço por isso.

— Palavras ousadas, centurião. — Um breve sorriso aflorou aos lábios do governador. — Mas diz-me, o que é que te torna exatamente uma tão grande ameaça para os nossos inimigos nesta fria e esquecida ilha que Roma tanto insiste em adicionar ao Império?

Macro ficou momentaneamente sem palavras, enquanto a sua mente recordava rapidamente tudo o que tinha enfrentado em anos recentes. Combates de rua em Roma, a campanha no calor escaldante, ofuscante e poeirento do sul do Egito. Antes disso, o abafar da revolta de escravos em Creta, a defesa de Palmira contra as hordas partas. E ainda antes, confrontos com fanáticos rebeldes judeus, a passagem pela marinha imperial na campanha contra os ninhos de piratas que atacavam os navios mercantes no Adriático. E tudo isso depois de um longo período de serviço na Segunda Legião, primeiro no patrulhamento da fronteira do Reno, depois como parte do exército que invadira a Britânia e esmagara os exércitos nativos comandados por Carátaco. Uma folha de serviços notável sob qualquer ponto de vista, e Macro chegara a centurião com todo o mérito — ao contrário de outros, cujas posições se deviam mais às ligações das suas famílias ao poder. Ainda assim, Macro não estava disposto a vangloriar-se de forma ostensiva à frente do governador. Limpou a garganta.

— Senhor, estive destacado em missões especiais nos últimos anos. Antes disso, servi na Segunda, no Reno e depois aqui na Britânia.

— Missões especiais? Essa designação, hoje em dia, é apenas outra forma de dizer que andaste a espionar. Qual era a exata natureza dessas tuas, ah, missões especiais?

— Senhor, não tenho autorização para revelar todos os detalhes.

— Bom, diz-me pelo menos ao serviço de quem estavas.

Macro sentiu-se pouco seguro do caminho que a conversa levava, e deitou uma olhadela a Cato, mas a expressão do amigo era fixa e impene-trável, de olhos sempre em frente. Macro respirou fundo.

— Do secretário imperial, Narciso.

— Trabalhaste para essa víbora? — Os olhos de Ostório semicerra-ram-se. — É por ordem dele que aqui estás?

Macro indignou-se ao ouvir tal suspeita, e inspirou fundo por entre os dentes cerrados, mas antes que pudesse responder, Cato interveio.

— Senhor, se tal fosse o caso, dificilmente estaríamos a divulgá-lo. Mas, para futura referência, dou-lhe a minha palavra de honra de que já não es-tamos ao serviço de Narciso. É como soldados que nos apresentamos. Para o servir, ao Imperador e a Roma. Nada mais.

— Com que então a tua palavra de honra? — Ostório fungou. — Há muito pouca dessa preciosa mercadoria a circular em Roma nos tempos que correm. — Inclinou-se no banco e esfregou o fundo das costas. — Não tenho grande escolha, tenho que aceitar a tua palavra. Mas aviso-te, se me surgir a mais pequena indicação de que qualquer um de vós está aqui para mais do que cumprir os deveres de um soldado, lanço-vos aos nativos, e deixo que eles se encarreguem de vocês. Os druidas possuem várias formas muito interessantes de tratar dos seus prisioneiros.

— Bem o sabemos, senhor. Vimo-lo com os nossos próprios olhos. — Respondeu Cato, resistindo ainda assim à vontade de estremecer ao recordear o seu encontro com os druidas da lua negra, ao início dos seus tempos de serviço nas legiões, quando fora apenas um optio na centúria de Macro. Visões fugazes das vítimas sacrificiais e da aparência aterradora dos druidas passaram-lhe à frente dos olhos, e Cato apressou-se a afastá-los da mente.

— E quanto a ti, prefeito? — O governador encarava-o. — Tens experiência de combate? A cicatriz no teu rosto conta parte da história, mas pareces-me demasiado jovem para já ter atingido essa patente. És filho de algum senador? Ou de algum liberto abastado, ansioso por conseguir alguma honra para a família? Que idade tens?

— Estou no meu vigésimo sexto ano, senhor.

— Vinte e seis? Ainda mais novo do que eu julgava. E quem é que te empurrou nessa tão rápida ascensão a prefeito?

Havia já muito que Cato aceitara a ideia de que seria, ao longo da sua vida, vítima do seu baixo estatuto à nascença. Por muito bom soldado que pudesse ser, por muito que o seu sogro fosse um senador, nunca lhe seria permitido afastar o estigma de ser filho de um liberto que fora, em tempos, um mero escravo no palácio imperial.

— Não tenho família, senhor. A não ser a minha esposa, Júlia Semprónia, que desposi depois de atingir a minha presente patente. É a filha do senador Semprónio. Mas nunca lhe pedi qualquer favor para a minha carreira militar.

— Semprónio? — As sobranceiras do governador arregalaram-se por um breve instante. — Conheço-o. Serviu como meu tribuno na Oitava Legião. Um bom homem. Trabalhador, e mais importante ainda, de confiança. Bem, se ele esteve preparado para te deixar desposar e dormir com a sua preciosa filha, é porque deves possuir algumas qualidades. Mas pergunto-me se terás de facto a experiência requerida para ocupar essa posição...

— Tive a honra de servir ao lado do centurião Macro desde que me juntei ao exército, senhor. O meu amigo tem uma certa inclinação para a modéstia quando fala da sua experiência. Basta dizer que já combatemos tribos germânicas, britânicas, piratas, judeus, partos e númeras ao longo da nossa carreira. Sabemos o que fazemos.

Ostório assentiu, pensativo, antes de responder.

— Se tudo isso é verdade, prefeito Cato, tens de facto um registo invejável. És do tipo de homens que me apraz incorporar no meu exército. É de gente assim que eu preciso para arrumar a questão aqui na Britânia e transformar esta maldita ilha selvagem nalguma coisa que possa ter uma ligeira semelhança com a civilização. — Acenou com a mão. — Senhores, à vontade.

Cato e Macro relaxaram a posição, enquanto o governador considerava a situação e voltava a dirigir-lhes a palavra.

— É importante que tenham bem consciência da situação atual. Não faço ideia do que vos disseram em Roma, mas qualquer noção de que estamos apenas empenhados em meras operações de limpeza para completar a conquista da Britânia é — como dizer? — um bocadinho errónea. Já passaram sete anos desde que o Imperador Cláudio teve o seu triunfo para celebrar a conquista. Sete longos anos... E durante esse período temos alargado a fronteira a passo, e a que custos. Mesmo as tribos que já subjugámos, ou com quem celebrámos tratados, dificilmente podem ser consideradas de confiança; eu pelo menos já me vi metido em belos assados com elas. Faz agora dois anos, quando me preparava para lançar uma ofensiva contra os siluros e os ordovicos, dei ordens para que os icenos fossem desarmados, para garantir que não éramos atacados pelas costas. Um pedido razoável, feito a quem se intitula nosso aliado, não acham? Mas os filhos da puta lançaram uma rebelião assim que o meu exército se internou nas montanhas. Não me deixaram alternativa senão abandonar a campanha e regressar para tratar do caso. Os idiotas tinham-se entrincheirado num daqueles ridículos fortins de barro. Assim que lhes rompemos as defesas, apressaram-se

a render-se. A coisa acabou depressa, mas fui obrigado a passar o resto da temporada de campanha a construir estradas e fortes por todo o território, para os manter debaixo de olho.

Cato cerrou os lábios ao recordar o orgulhoso mas suscetível guerreiro iceno que lhes tinha servido de guia quando ele e Macro se tinham lançado numa missão em território inimigo, a mando do comandante do exército que tinha invadido a Britânia. Não lhe era difícil imaginar a reação de Prasutago ao receber ordens para entregar as suas armas. As tribos da ilha eram governadas por uma casta de guerreiros que consideravam ser desarmado como o pior dos insultos ao seu orgulho sensível. Não era de espantar que se tivesse dado uma revolta.

— E enquanto eu lidava com os icenos — continuou Ostório, — o Carátaco aproveitou a folga para convencer as tribos das montanhas e tornar-se o seu chefe de guerra. Quando finalmente lhe pude voltar a dedicar a minha atenção, já tinha reunido um exército suficientemente poderoso para me desafiar. E foi por isso que tive que pedir reforços a Roma. Agora que eles chegaram, é tempo de tratar do Carátaco e dos que o apoiam, de uma vez por todas.

Macro anuiu com entusiasmo, já antevendo a campanha que se aproximava, e a possibilidade de conseguir algum saque e mesmo nova promoção. Embora relutante em falar das suas ambições, Macro, como muitos outros soldados, sonhava em tornar-se o mais antigo centurião de uma legião, posto que conferia inúmeros privilégios e tremenda honra a quem o alcançava. Com a patente, vinha a elevação social à classe de cavalaria; além do Imperador, só os senadores recebiam maior consideração, recordou Macro. Se os combates se tornassem intensos nos meses que se avizinhavam, as fileiras do centurionato sofreriam perdas, como era habitual, já que eram eles quem comandava os homens na frente de combate e, ao exporem-se dessa forma, transformavam-se em baixas muito frequentes. Se Macro conseguisse sobreviver, talvez conseguisse chegar ao comando da Primeira Coorte da legião, um dia, e depois disso ao posto de prefeito do campo, com o comando direto de uma legião em caso de ausência do legado, ou se este fosse seriamente ferido ou morto. Só o pensamento de assumir tal responsabilidade enchia-o de esperança.

O governador suspirou e cofiou a pelugem acinzentada que lhe ornava o queixo. Pareceu mergulhar ainda mais dentro de si mesmo enquanto ponderava a situação e deixava passar alguns momentos de silêncio antes de voltar a falar.

— Estou a ficar velho demais para isto. Quando acabar esta comissão, reformo-me. — Os cantos da boca ergueram-se ligeiramente. — Regressarei à minha propriedade na Campânia, tratarei das minhas vinhas e enve-

lhecerei ao lado da minha esposa. Sirvo Roma há já bastante tempo, o suficiente para ao menos me permitirem tal futuro... Porém, antes há muito trabalho a realizar! — Obrigou-se a sentar-se direito e voltar a dar atenção aos dois oficiais à sua frente. — Embora esteja a preparar uma nova ofensiva, ainda existe uma pequena esperança de paz.

— Paz, senhor? — Cato inchou de ar as maçãs do rosto. — Com Carátaco? Duvido que ele aceite os termos de Roma, quaisquer que eles sejam.

— Oh? E como o sabes tu, meu jovem?

— Porque o conheço, senhor. Encontrei-me com ele, e falámos.

Instalou-se um silêncio tenso enquanto o governador olhava espantado para Cato. Debruçou-se para a frente.

— Como pode ser isso? Carátaco é consumido por um inesgotável ódio a Roma, e a todos os que servem nas suas legiões. Raramente faz prisioneiros, e aqueles que são capturados nunca mais são vistos pelos seus camaradas. Portanto, como te foi concedida tão dúbia honra?

O tom do governador era de escárnio, mas Cato ignorou a ofensa e ripostou.

— Fui capturado por Carátaco, senhor, com mais alguns camaradas, no segundo ano da invasão. Quando chegámos ao acampamento inimigo, fui interrogado por ele.

— Porquê?

— Ele queria saber mais sobre Roma. Sobre o que motivava os seus soldados. E queria dar-me a perceber que as tribos nativas tinham o seu orgulho, e que os seus guerreiros nunca dobrariam o pescoço perante aqueles que invadiam as suas terras. Jurou que preferiam a morte a aceitar a vergonha da submissão ao Imperador.

— Estou a ver. E como é que sobreviveste para me estar aqui a contar esse episódio?

— Escapei, senhor.

— Fugiste do acampamento inimigo?

Cato confirmou.

— Nesse caso, prefeito Cato, os deuses devem realmente favorecer-te, pois que nunca ouvi falar de outro romano que se possa orgulhar de tal feito.

Macro soltou uma risada.

— Senhor, ainda nem ouviu metade. Fortuna não tem mãos para mais nada, a não ser manter o prefeito longe de sarilhos.

Cato deitou uma olhadela mordaz ao amigo.

— Não me parece que ela se tenha esquecido de si.

O governador pigarreou, irritado.

— Senhores, falava de paz. Passaram-se anos desde esse encontro.

Anos de guerra incessante. Ambos os contendores têm sido desgastados pelo combate, e suspeito que a apetência do nosso inimigo pelo confronto está tão exaurida como a minha. E há em Roma muitos cuja impaciência com a situação na Britânia cresce de dia para dia. Sobretudo a de Pallas, um dos mais próximos conselheiros do Imperador. Não imagino que saibam quem é.

— Sabemos, sim, senhor. — Respondeu Cato, cautelosamente, antes que o governador prosseguisse.

— Pelo que me dizem os meus amigos em Roma, Pallas está em plena ascensão. É próximo da nova esposa do Imperador e do seu filho, Nero, que pode muito bem vir a ser o novo Imperador, à morte de Cláudio. Ao que parece, Pallas favorece a ideia de retirar o exército da Britânia e abandonar a província. Vendo bem as coisas, tem sido um exercício dispendioso, e Roma pouco tem recebido do seu investimento em ouro e homens. E nem sequer há grandes perspectivas de extrair daqui alguma coisa de valor, depois de esgotarmos o contingente de prisioneiros de guerra no mercado de escravos. A prata, o estanho e o chumbo que nos diziam que corriam pela ilha revelaram-se bem mais escassos do que o previsto. Pelo que me toca, imagino que só existem duas razões para andarmos a sujar as botas por cá. Em primeiro lugar, alguns dos homens mais ricos de Roma emprestaram avultadas somas aos líderes das tribos que se aliaram a nós. Acontece que o Narciso é um deles, o que provavelmente explica o seu empenho em manter o exército por cá, pelo menos até que a dívida lhe seja paga. A outra razão tem a ver com o orgulho, puro e simples. Se Roma se vir forçada a retirar da Britânia, será uma humilhação para o Imperador, e os nossos inimigos noutras fronteiras sentir-se-iam encorajados perante o nosso falhanço nesta terra. Claro, se se der uma mudança de regime, o próximo Imperador poderá justificar uma retirada com a correção dos erros do seu antecessor. Portanto, senhores, como podem depreender, o domínio de Roma sobre a Britânia é bastante incerto.

O governador baixou o olhar e refletiu por momentos, antes de continuar.

— Muitos dos nossos camaradas derramaram aqui o seu sangue, e muitos tombaram para sempre. Se nos for ordenado que deixemos a Britânia, tamanho sacrifício terá sido em vão. Na minha opinião, tenho dois possíveis cursos de ação à minha frente, se quero dar um significado ao sacrifício de tantos e tantos camaradas. Ou destruo de uma vez por todas as tribos que ainda nos resistem, ou consigo estabelecer com elas uma paz duradoura. De uma forma ou de outra, é preciso agir com rapidez, de forma a alcançar a paz na província antes que um novo Imperador ascenda ao trono. Só assim deixará de existir qualquer desculpa para retirar da Britânia.

E foi por isso que resolvi convidar reis e chefes de todas as tribos, mesmo dos brigantes lá do norte, para um encontro, onde se possam discutir termos para pôr fim ao conflito. Dei a minha palavra de que os membros das tribos que ainda não são nossas aliadas teriam passagem livre pelas nossas fronteiras.

Macro hesitou brevemente antes de lançar a questão óbvia.

— Senhor, tenciona manter essa palavra?

— Evidentemente.

— Mesmo que o próprio Carátaco apareça? Se o capturássemos, bem como aos outros líderes ainda problemáticos, púnhamos fim à resistência dos nativos mais depressa do que se cozem os espargos.

Ostório suspirou e abanou a cabeça.

— Ou arranjávamos maneira de ofender todas as tribos e dar-lhes um motivo para se unirem contra nós — tão depressa como nessa comparação culinária que inventaste. Talvez fosse melhor guardares esses pensamentos para ti mesmo, centurião. Deixa a estratégia a cargo de mentes mais sábias, sim?

Perante o raspanete, Macro mordeu com força os lábios e cerrou os punhos por trás das costas, enquanto anuía com um rápido gesto de cabeça. Instalou-se um silêncio desconfortável, até que Cato levou a discussão noutra direção.

— Senhor, onde e quando vai ter lugar esse encontro?

— Daqui a dez dias, num dos bosques sagrados dos nativos, uns cem quilómetros para oeste de Londinium. Levarei comigo uma pequena escolta. — Olhou para Cato e sorriu. — Não há assim grande pressa para que vocês os dois se juntem às vossas unidades. E de qualquer maneira, fica praticamente no caminho para Glevum.

— Nós? — Cato não escondeu o espanto. — Senhor, nós somos soldados. Não somos diplomatas. Além disso, queríamos chegar aos nossos postos o mais depressa possível. Se a campanha que se aproxima vai ser assim tão difícil, gostava de ter tempo para conhecer os homens que vou comandar, antes de entrar em ação.

— O que pode vir a não ser necessário, se conseguirmos fazer a paz com os nossos inimigos. E uma vez que já te encontraste com Carátaco antes, podes vir a revelar-te muito útil durante as conversações. Virão comigo, os dois.

— Muito bem, senhor. Será feito como ordena. Mas há uma coisa. O que o faz pensar que o inimigo estará disponível para assinar a paz connosco?

Ostório respondeu em tom glacial.

— Porque se não o fizer, deixarei perfeitamente claro que, antes do fim

do ano, toda e qualquer aldeia ou povoação pertencente a uma tribo que se mantenha em guerra será arrasada, e que todos os nativos que sobreviverem serão vendidos como escravos... — O governador bocejou. — E agora, preciso de descansar. É tudo, senhores. Sugiro-vos que aproveitem os poucos prazeres que Londinium tem para oferecer enquanto podem. Estou certo que na messe dos oficiais haverá quem vos dê boas sugestões. Podem seguir.

Macro e Cato puseram-se de novo em sentido, saudaram o governador e rodaram nos calcanhares para sair. Ostório contemplou a pilha de registos e relatórios junto a si, ergueu-se devagar do banco e caminhou rigidamente até à cama de campanha que tinha sido colocada junto à parede. Deitou-se de lado, ainda de botas calçadas, e puxou o manto para cobrir o corpo tanto quanto possível, antes de se deixar cair num sono perturbado.

— O que pensas dele? — Indagou Macro, quando já se tinham afastado o suficiente pelo corredor que saía do gabinete do governador.

Cato olhou em redor e viu que não havia por perto funcionários que pudessem escutá-lo.

— Está quase a estourar. Desgastado por todos os deveres que lhe cabem. Mas ouvi dizer que era um comandante dos tesos.

Macro encolheu os ombros.

— Ser duro não nos torna imunes à passagem dos anos. Sei-o muito bem. Já não sou tão ágil em combate como fui em tempos. Acontece a todos, ao fim e ao cabo.

Cato olhou-o de alto a baixo.

— Bom, não deixe que isso lhe suceda quando estiver a combater a meu lado. A última coisa de que preciso é de algum jarreta a proteger-me o flanco quando enfrentarmos o inimigo.

— Isso é ser muito mal agradecido, dadas as vezes em que tive que olhar por ti nas primeiras batalhas que travámos quando eras um recruta, verde como uma alface. — Macro riu e abanou a cabeça. — Nunca poderia imaginar o soldado em que acabaste por te tornar.

Cato sorriu.

— Aprendi com o melhor.

— Cala-te, miúdo. Ainda me fazes chorar. — Macro gargalhou. Mas depressa a sua expressão endureceu. — Agora, a sério. Tenho as minhas dúvidas sobre o nosso novo general. Pelo aspeto que apresenta, uns meses no campo vão matá-lo. Mesmo a meio da campanha.

— A não ser que consiga negociar a paz com Carátaco. Ou pelo menos com tribos suficientes para o deixar isolado.

— Achas que há mesmo alguma hipótese do Carátaco querer a paz?

Cato lembrou a cena na pequena cabana onde fora interrogado por Carátaco. Lembrava-se de forma vívida do brilho determinado nos olhos do bretão quando afirmara que preferia morrer a vergar-se perante Roma.

— Se eu fosse de apostas, nem a cem contra um eu apostava nessa hipótese.

— E eu, meu amigo, diria que ainda assim estarias a ser generoso. — Macro deu um estalo com a língua. — Cato, vamos enfrentar tempos difíceis. Para variar.

— Pouco podemos fazer quanto a isso.

— Ora essa, podemos sim! — Macro riu. — Ouviste o homem; todos os prazeres de Londinium estão à nossa espera. — A expressão depressa ganhou traços de ansiedade. — Desde que não digas nada à minha mãe, sim?

— **E**ntão, rapazes, o que acham do sítio? — Indagou Pórcia, enquanto se sentavam a uma mesa, junto à lareira da estalagem. Caía a tarde do seu terceiro dia em Londinium, e acompanhavam-na o filho e Cato. Para variar, chovia lá fora; uma chuva persistente acompanhada por um vento cortante que a fazia cair em ângulo e varrer as ruas da cidade, ricocheteando nos poucos telhados de telha e correndo pelas coberturas de colmo da maior parte dos edifícios. A estalagem em que estavam tinha em tempos sido um estábulo, a que tinham sido adicionados anexos, de forma a criar um modesto pátio à frente da entrada. O portão dava para uma via larga que vinha do cais no Tamesis até ao estaleiro de construção da basílica. Apesar do mau tempo, a rua estava cheia de movimento, e o ranger das rodas e o bramir das mulas escutava-se perfeitamente sobre o constante silvo da chuva.

Macro afastou o capuz da capa militar e deitou uma olhadela rápida ao que o rodeava. A estalagem estava aquecida e seca, e o soalho era lajeado e estava coberto de palha em doses liberais, para absorver a sujidade das botas e sandálias dos clientes que entravam, vindos da rua molhada. A um dos lados havia um balcão, e por trás dele viam-se grandes recipientes, onde eram mantidos o guisado e o vinho aquecido que eram servidos aos clientes. O resto do espaço era quase totalmente preenchido por várias mesas compridas, ladeadas por bancos corridos. Apesar de todas as melhorias, ainda havia um ligeiro odor ao acre suor de cavalo no ar, mas a Macro isso pouco importava. Havia cheiros bem piores.

— Catita. — Concedeu. — Comparado com a maior parte do que há nesta cidade.

Cato anuiu. Enquanto esperavam pela ordem para se reunirem a Ostório e comitiva para irem ao encontro com os líderes tribais, tinham passado o tempo a percorrer as estalagens e tabernas indicadas por Décimo. Pouco mais havia a fazer ou ver. Apesar das reticências que mostrara quanto ao antigo legionário, Pórcia tinha aproveitado as suas indicações enquanto inspecionava vários estabelecimentos e sondava subtilmente os seus proprietários, tentando descobrir se havia algum disposto a vender-lhe o negócio.

Cato acenou a uma empregada por trás do balcão, e ela apressou-se a vir saber o que queriam. Era jovem, mal entrada na adolescência, pouco atraente e magricela, mas pelo menos falava um latim razoável.

— Um jarro de vinho para os três. O guisado hoje é de quê?

Ela encolheu os ombros.

— O mesmo de sempre. Cevada e cebola.

Cato obrigou-se a sorrir.

— Parece-me bem. Três tigelas, e pão. Espero que seja fresco?

— Cozido ainda ontem, senhor. Está perfeito.

Sem esperar por novo comentário, virou-se e apressou-se a regressar para trás do balcão, para preparar uma bandeja com o pedido.

— Catita? — Comentou Pórcia sem entusiasmo, enquanto encarava o filho. — É tudo o que tens a dizer?

— O que queres tu que eu te diga? — Irritou-se Macro. — É uma estalagem como outra qualquer.

— Não, por acaso não é nada disso. — Ela agitou um dedo no ar. — É esta que eu quero comprar. Graças ao Décimo, fiquei a saber que o dono é um veterano da Segunda Legião que está farto da Britânia e quer vender o negócio, para regressar a Roma. Fiz-lhe uma oferta, e ele aceitou.

Macro deitou uma nova e mais demorada olhadela às instalações.

— Porquê esta?

Pórcia ponderou rapidamente os seus argumentos e começou a enumerá-los com os dedos enquanto respondia.

— Primeiro, pela localização. Passa imensa gente por aqui, e muitos trabalham nas instalações do governador, portanto podem pagar bem pelo vinho e pela comida. Segundo, há oito quartos em volta do pátio, e todos alugados a viajantes. Posso bem criar mais alguns quartos nas traseiras. À medida que a província estabilizar, a cidade vai crescer, e há muito dinheiro a fazer com todos os que vão estar de passagem por Londinium. E terceiro, do outro lado do pátio há uns armazéns pequenos que podia muito bem alugar à guilda das prostitutas. Um serviço extra, que alguns dos clientes apreciariam por certo. Portanto, imenso potencial e um preço muito aceitável. — Fez uma pausa. — Só há um problema. O que me resta do dinheiro que recebi quando vendi a taberna em Arminium não cobre o que ofereci.

Macro segurou a cabeça com as mãos e gemeu, fingindo sofrimento.

— Mãe, já estou a ver onde é que isto vai parar. Queres que vá às minhas economias, e te passe para as mãos o suficiente para chegar ao preço combinado.

— Não quero que me dêes o dinheiro sem mais nada. Pensa nisto como um empréstimo, ou melhor, um investimento avisado. Tenho metade do

que preciso. Se pagares o resto ficas como meu sócio, com direito a quatro décimos dos lucros. — Respondeu a mulher rapidamente.

Macro olhou para ela, espantado.

— Quatro décimos? E porque não metade?

— Porque sou eu quem vai fazer o trabalho todo. Quatro décimos. É a minha oferta, e não a altero.

Cato deixou-se estar quieto e calado, a observar a negociação, um tanto espantado perante o jeito apurado para os negócios de Pórcia, e a forma inflexível como levava a sua avante. Era evidente qual das qualidades fora herdada em boa quantidade por Macro.

— Espera aí! — Macro levantou as duas mãos. — E se eu decidir que não te quero emprestar o dinheiro?

Pórcia juntou as mãos esguias e fez cara de magoada.

— Eras mesmo capaz de fazer isso à tua própria mãe? Obrigar-me a comprar uma espelunca qualquer, mal localizada, e isso seria tudo o que poderia conseguir sem a tua ajuda. Fazer-me trabalhar até ficar um espeto para ganhar uma miséria e depois morrer velha e sozinha?

— Foda-se, sabes muito bem que isso não vai suceder! — Ripostou Macro, irritado. — Tratarei de garantir que isso não sucede. Devo-te isso, pelo menos.

— Precisamente. — Anuiu ela. — E então?

Macro respirou fundo e soltou um suspiro de exasperação.

— Muito bem. De quanto é que precisas afinal?

— Cinco mil denários. Nem mais um.

O queixo de Macro descaiu.

— Cinco mil! Isso... Isso é... — O sobrolho do veterano franziu-se com o esforço de concentração. — O salário de muitos anos.

— Podes bem suportá-lo.

— O que é que te faz pensar isso?

— Deitei uma espreitadela àquele cofrezinho que levas no fundo do saco do equipamento.

— Mas está trancado.

Ela deitou-lhe um olhar quase piedoso.

— Meu querido, passei quinze anos a trabalhar num bar em Armínium. Aprendi muitos truques e jeitos com os meus clientes. Abrir fechaduras foi dos menos interessantes. Mas o que me interessa aqui é saber como é que um centurião se arranjou para pôr as mãos numa fortuna daquelas.

Macro trocou um olhar rápido com Cato, e ambos sentiram um arpejo de ansiedade a descer-lhes pelas espinhas. Durante a sua estadia em Roma tinham ajudado a desmascarar uma conspiração que grassava nas fileiras da Guarda Pretoriana. A prata era parte de um comboio de moeda

que os conspiradores tinham roubado ao Imperador, e que continuava desaparecida, pelo menos aos olhos do palácio imperial. Cato tinha defendido que a deviam devolver, mas Macro insistira com grande ênfase que tinham ganho o direito àquele dinheiro, e recusara entregá-lo. Tinham acabado por dividir o lote. Cato depositara a sua parte num banqueiro em Roma, mas Macro, que considerava os banqueiros pouco mais do que parasitas corruptos, tinha trocado a prata por moedas de ouro, para fazer a sua fortuna mais portátil e a poder manter junto de si. O seu pequeno segredo, que acabava de ser exposto. Olhou em volta, temendo que outros ouvidos pudessem ter escutado o comentário da mãe. Virou-se então para ela.

— Muito bem, seja. Cinco mil. Por metade dos lucros.

— Quatro décimos, disse eu.

— Vamos dividir ao meio a diferença. — Tentou Macro, desesperado.

— Quatro décimos.

Rangeu os dentes e olhou-a furioso, antes de acabar por anuir.

— Merda. Desisto. Mas, daqui em diante, mantém as tuas mãos longe das minhas coisas.

A mãe sorriu-lhe com doçura e afagou-lhe uma bochecha.

— Eu sabia que havias de ver a razão. E vais ver que acabarás por te sair bem deste negócio.

Macro tentou imaginar o que se ia passar. A mãe, como muitos proprietários de pequenos negócios, era tão boa a cozinhar as contas como a preparar refeições baratas para os clientes. Mas pelo menos Pórcia teria meios para sobreviver de forma independente, e isso agradava-lhe, já que assim não teria que se preocupar com a mãe enquanto marchava para enfrentar o inimigo. E apesar de tudo, se as coisas corressem bem, ainda podia conseguir um belo lucro daquele investimento.

A criada regressou com o pedido, o vapor a esfumar-se do jarro de vinho e das tigelas de guisado. Pousou a bandeja com estrondo e colocou-lhes as tigelas à frente sem grande jeito, seguidas pelas taças de barro e as colheres de bronze. Fungou e limpou o nariz com a manga da túnica que usava.

— Nove sestércios.

Antes que Cato pudesse mexer na bolsa, Macro interrompeu-lhe o movimento.

— Pago eu. Não faz diferença, já que parece que hoje é o meu dia de ser esfolado.

Pescou na bolsa um punhado de moedas e despejou-as na mão gordurosa da jovem, que as contou rapidamente antes de regressar ao balcão. Pórcia observou-a com olhos frios e calculistas.

— Ao que me parece — comentou em voz neutra, — vão ocorrer algumas mudanças quando eu me tornar dona deste estabelecimento. Aquela

jovem, por exemplo, precisa de umas lições para melhorar a aparência e maneiras.

— Bom, vamos comer. — Sugeriu Cato, enquanto levantava a colher, ansioso por pôr fim ao aceso diálogo entre Macro e a mãe. Estavam todos com fome, pelo que comeram em silêncio, e os pensamentos de Cato vaguearam inevitavelmente para Júlia, em Roma. Ainda faltavam muitos anos até ele ser dispensado dos seus deveres na Britânia. Nalgum ponto do futuro teria que lhe pedir para renunciar aos confortos e prazeres da vida em Roma para se lhe vir juntar. Não tinha ilusões quanto às fracas condições de vida numa fortaleza de fronteira, ou mesmo numa cidade de província. A ele isso não preocupava, mas temia que não fosse adequado a Júlia.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo som de vozes no pátio, e pouco depois entraram dois oficiais. Reconheceu-os de os ter visto nas instalações do governador. Tribunos subalternos, que serviam na Nona Legião. Engoliu o guisado que tinha na boca e secou os lábios nas costas da mão antes de os chamar.

— Querem juntar-se a nós?

Os dois jovens hesitaram, e Cato riu-se.

— As bebidas ficam por minha conta.

O mais alto dos dois, com lustroso cabelo escuro, sorriu.

— Bem, se põe as coisas nesses termos...!

Aproximaram-se e sentaram-se, enquanto Cato apresentava Macro e a mãe.

— Tribuno Marco Pelino. — Anunciou o mais alto, e acenou na direção do companheiro. — E Caio Deciano. Já os vi no quartel-general, não vi? É o novo comandante da coorte de cavalaria Trácia que está com o legado Quintato.

— Isso mesmo. — Confirmou Cato. Chamou a atenção à criada, e indicou os novos comensais. Ela lá se resolveu a mexer-se e inclinou-se por trás do balcão para recolher mais canecas. — E aqui o meu amigo vai comandar uma coorte da Décima Quarta.

— Aposto que sei qual será. — Pelino soltou uma risada. — Parece-me que foram os dois escolhidos a dedo para o trabalho que vos espera.

— E que trabalho é esse? — Quis saber Macro.

A empregada pousou as duas novas canecas e o tribuno Deciano pegou no jarro de vinho enquanto ia falando.

— Há um posto avançado, já dentro do território siluro, onde os trácios têm estado aquartelados com uma coorte da Décima Quarta. Faz tudo parte do plano do governador para ter forças poderosas instaladas na vanguarda, para vigiar o inimigo e fazer soçobrar à nascença qualquer tentativa

da malta do Carátaco para invadir a província. Só que foram recebidos relatórios que indicam alguns problemas com a guarnição do forte.

— Que género de problemas? — Perguntou Cato.

— Sabem como é. Nunca há grande amizade entre legionários e auxiliares. Trocas de insultos, umas zaragatas, enfim, isso é normal; mas os soldados destas duas unidades parecem estar muito para lá disso, detestam-se verdadeiramente.

— A mim dá-me ideia de que essa cambada de idiotas só precisa de alguém que lhes meta juízo na cabeça, à porrada se necessário.

Deciano fez uma careta.

— Parece que o comandante interino tem feito um bom trabalho na restauração da disciplina, enquanto espera pelo substituto que vai tomar o comando. É evidente que a guarnição vai continuar a precisar de mão firme. E é por isso que calculo que vocês os dois foram escolhidos para isso, a julgar pela vossa folha de serviços. Vi os documentos. Impressionantes. Parece que são justamente aquilo de que a guarnição precisa. Sobretudo porque a vossa coluna vai ser a ponta da ofensiva planeada pelo Ostório.

— Partindo do princípio de que não vai conseguir convencer os nativos no tal encontro que convocou. — Juntou Pelino.

— Quer-me parecer que todos sabemos que isso não vai ter um final feliz. — Respondeu o amigo. — A única coisa que os nativos parecem querer fazer é lutar. Quando não combatem os romanos, atiram-se aos pescoços uns dos outros. O Ostório está apenas a perder tempo, devia era aplicar-lhes um corretivo. Uma boa coça é a única coisa que fará com que a mensagem seja entendida por aqueles crânios duros. — Deciano fez uma pausa, com os olhos arregalados. — E já que falamos de crânios duros, viram aquele no pátio, ainda agora?

Pórcia debruçou-se para a frente, ansiosa.

— O quê? Um bárbaro aqui, nas instalações da estalagem?

— Exatamente, senhora. Ele, a mulher e um punhado dos seus brutamontes. Acabadinhos de chegar. Como estão armados, calculo que se dirigem ao famoso concílio do governador. Mas, porra, o homem é um gigante. Não gostaria de ter de o enfrentar em combate.

Macro fungou.

— Para mim, quanto maiores forem, de mais alto caem.

— Bom, seria necessário um machado de lenhador para derrubar aquele. Nos últimos dias têm passado bastantes por Londinium. Fizeram sensação, já que muitos dos habitantes locais já não usam aqueles farrapos há anos. Alguns ajeitaram-se mesmo muito bem aos nossos costumes e roupagens.

Sobre isso, Cato tinha as suas dúvidas. Por muito que adquirissem a

aparência e que até se esforçassem por aprender o latim da melhor forma possível, não deixariam de se considerar por muitos e muitos anos ainda, antes e acima de tudo, bretões. Sobretudo enquanto as tribos espalhadas pela província se considerassem reinos distintos, ferozmente orgulhosos do seu passado e da sua independência. Isso mudaria no instante em que o seu estatuto de estados-cliente desaparecesse. Era a técnica que Roma empregava em cada nova província: estabelecer acordos com os governantes locais, garantindo-lhes a proteção de Roma em troca da anexação pacífica do seu território assim que o ocupante do trono morresse. Tinha resultado bastante bem noutras áreas do Império, mas Cato suspeitava que o arranjinho não funcionaria tão facilmente quando aplicado aos belicosos guerreiros da Britânia. Acabou de comer e empurrou a última colherada com um bom gole de vinho aquecido, antes de se dirigir a Pelino.

— Como vão os preparativos para a nova época de campanha?

A expressão do tribuno mostrou desalento por se ver forçado a falar de trabalho, mas Cato era seu superior e podia portanto levar a conversa na direção que bem entendesse.

— Quase terminados, senhor. Os depósitos avançados estão bem fornecidos de abastecimentos, os últimos reforços estão em marcha para as suas unidades e as montadas da cavalaria estão bem treinadas e disciplinadas. O governador quer-nos prontos para avançar no primeiro dia capaz de primavera, partindo do princípio de que esta tentativa de concluir um tratado de paz vai falhar. Como sucederá por certo. Depois disso, estaremos nas mãos dos deuses. O terreno em que vamos combater é montanhoso e muito arborizado. Os nossos batedores só conseguiram descobrir alguns caminhos. Terreno ideal para emboscadas. Se o Carátaco for esperto, vai-nos desgastar com uma tática de ataques súbitos e retirada imediata. A nossa única esperança é descobrir as aldeias e destruir número suficiente delas para os obrigar a enfrentar-nos em terreno aberto. Nessa altura, com alguma sorte, poderemos tratar da saúde ao Carátaco e ao seu exército.

— Não pareces muito otimista. — Comentou Macro.

— Oh, sou otimista, até certo ponto. Porque foi isso que o governador nos ordenou nas normas de execução permanente. Não quer que perturbemos o moral dos reforços que se estão a juntar ao nosso feliz contingente. Nada de derrotismo, disse ele, e não hesita em castigar qualquer subordinado que se atreva sequer a sugerir que ainda não é desta que vamos mesmo dar cabo do Carátaco. Portanto, claro que sou otimista. Mas, antes de mais, sou realista. E por isso afirmo que quem quer que pense realmente que isto vai ser como um passeio no fórum vai ter uma surpresa, e das grandes, foda-se. Perdão, senhora.

Pórcia suspirou, exasperada, e afastou a desculpa com um gesto da

mão. Deteve-se repentinamente, e ficou a olhar para a entrada da estalagem. Cato virou-se para seguir a direção do olhar da mulher, e avistou dois guerreiros gigantescos que acabavam de entrar na sala. Usavam mantos espessos, com um desenho aos quadrados castanhos e brancos. Tinham o cabelo apanhado, com uma trança grossa que lhes corria pelas costas. Nos braços peludos ostentavam tatuagens onduladas, e dos ombros pendiam bainhas com espadas longas. Os guerreiros nativos avançaram lentamente, seguidos por outros dos seus companheiros, incluindo um homem tão alto que tinha que dobrar o pescoço para evitar embater nas vigas que se cruzavam no interior do edifício. A seu lado vinha uma mulher, de cabeça coberta pelo capuz do manto. A criada ao balcão deitou um olhar ao gigante e desapareceu apressada pela porta das traseiras, a chamar pelo patrão.

À medida que os recém-chegados se dirigiam ao balcão, o chefe do grupo passou os olhos pela sala, até encontrar o pequeno grupo de romanos. Tinha uma expressão feroz, mas a pouco e pouco a surpresa foi-se estampando no seu rosto, de olhar fixo em Macro e Cato.

— Foda-se, não acredito... — Macro pegou no braço de Cato. — Olha quem ele é! Não o reconheces?

— Claro. — Respondeu Cato, quase em surdina. — Prasutago.

Ouviu-se um banco a raspar nas pedras do chão quando Macro se ergueu e chamou.

— Prasutago! Sou eu. Quero dizer, nós. Macro e Cato!

Deciano quase se engasgou com o vinho.

— Quer dizer que vocês conhecem aquele brutamontes?

Macro ignorou o comentário do tribuno e deu dois passos na direção do líder nativo, enquanto estendia a mão. Prasutago deixou-se ficar imóvel, antes de sorrir fracamente e acenar, sem responder à mão estendida de Macro. Este baixou-a e abanou a cabeça, assombrado.

— Nem acredito nisto... Prasutago.

— Olá, centurião. — Uma voz feminina rompeu o silêncio espantado de toda a sala. Macro virou-se e viu que a mulher tinha tirado o capuz do manto, revelando tranças espessas de um cabelo avermelhado. Os olhos rebrilhavam-lhe enquanto ela sorria numa saudação.

Macro viu-se sem fala durante longos momentos, até que conseguiu engolir em seco, nervoso, e pigarreou para limpar a garganta.

— Boudica...

— Rainha Boudica, de facto. — Ela tentava mostrar-se distante, mas — **R**era traída pelo sorriso que não conseguia suprimir.

— Rainha? — Macro franziu o sobrolho. — Não percebo.

— Sou a esposa do Prasutago, e portanto a rainha da nação icena. Presumo que também tu subiste na carreira desde a última vez que nos vimos. Já não és o centurião que em tempos conhecemos.

Macro abanou a cabeça.

— Ainda centurião Macro, embora bastante mais antigo.

Boudica afastou-se do balcão, avançou até junto do marido e pegou-lhe na mão.

— Estamos contentes por vos revermos.

Os dois oficiais romanos trocaram olhares com os governantes da tribo dos icenos, e por momentos ninguém falou, enquanto as memórias das dificuldades e dos perigos partilhados lhes preenchiam os pensamentos. Macro sentiu uma pontada de pesar pela perda definitiva da mulher cuja afeição fora sua, quando Boudica não passava da filha rebelde de um nobre iceno. Por fim, Prasutago não conseguiu aguentar mais a altivez própria de um rei, e acabou por soltar um sentido rugido de alegria, antes de avançar e lançar os braços em torno de Macro, num aperto amigável que quase lhe fazia estalar as costelas.

— Ah! É bom voltar a ver-te, romano! Passaram já demasiados anos.

Macro agarrou nos braços de gigante e libertou-se a custo do abraço poderoso. Respirou fundo antes de responder.

— Vejo que aprendeste mais algum latim desde o nosso último encontro.

— É bom poder falar a língua de um amigo. — Ripostou Prasutago, com uma pronúncia bem vincada, mas com palavras perfeitamente compreensíveis. Virou-se para Cato, apertou-lhe a mão e sorriu calorosamente. — E tu, Cato. Calculo que continues astuto e corajoso como sempre. — Assinalou a cicatriz que descia da testa do jovem. — A marca de um guerreiro, hã?

— A marca de um homem que não conseguiu esquivar-se a uma lâmina a tempo, mais exatamente. — Contrariou Cato, com um sorriso.

A esposa tinha-se aproximado, e avaliava Cato com uma expressão de alguma preocupação.

— Eras pouco mais do que um rapaz quando nos vimos pela última vez. Agora fazes mais lembrar o Macro desses tempos.

— O quê? — Interrompeu Macro. — Nesse caso, o que é que eu pareço agora?

Boudica perscrutou-lhe o rosto.

— Tens a face mais vincada, alguns cabelos cinzentos, mas continuas a ser o mesmo Macro que conheci. E isso é bom. É bom ver um velho amigo... — O tom dela tornou-se mais sério. — Precisamos de amigos, agora mais do que nunca. As relações entre Roma e os icenos estão muito fragilizadas. Suponho que conhecem a história recente?

— Soubemos da revolta, sim. — Anuiu Cato. — Uma pena.

— Pena? — As sobrancelhas de Prasutago franziram-se de forma bem evidente. — Uma tragédia, isso sim. Uma traição ao elo que havia entre o nosso povo e Roma. Ostório exigiu que entregássemos as nossas armas, mesmo depois de lhe termos dado a nossa palavra de honra de que respeitáramos a nossa aliança com o Imperador. Alguns entregaram-nas. Outros não o fizeram, e morreram com as espadas na mão. — Prasutago baixou o olhar. — Loucos, sim, mas bravos. Talvez...

— Fizeste o que era correto. — Boudica apertou-lhe a mão. — Sobreviveste, para servir o povo iceno. Que precisa de ti.

Prasutago encolheu os ombros. Cato pressentiu que o guerreiro ainda se sentia ferido na sua honra, mas não conseguiu resistir ao desejo de conhecer toda a história.

— Então, como é que te tornaste rei?

— Fui um dos poucos que não tomaram parte na rebelião. Estava demasiado doente para combater ao lado dos meus irmãos. E quando tudo terminou, o governador escolheu-me para tomar o lugar do velho rei. Ele morreu na batalha.

— Estou a ver. Estou seguro de que a escolha de Ostório foi ponderada e sábia. — Cato virou-se e fez um gesto a designar a mesa que ocupavam. — Querem beber um copo connosco? Aquela é a mãe do Macro, e os outros dois são camaradas do exército.

— A mãe do Macro? — Boudica arregalou um olho. — Ora aí está alguém com quem poderia travar uma conversa fascinante.

Mas Prasutago olhava com frieza evidente para os dois tribunos, e abanou a cabeça.

— Terá que ficar para outro dia, meus amigos. Quando pudermos falar livremente uns com os outros.

Pelino corou perante tais palavras, e levantou-se. Dirigiu-se a Cato.

— Senhor, obrigado pela bebida. Esperam-nos no quartel-general, e por isso pedimos licença para nos retirarmos.

O outro tribuno pareceu surpreso, mas depressa percebeu, e anuiu em silêncio. Baixaram as cabeças por respeito a Pórcia e deixaram a estalagem, sem saudarem os governantes icenos. O silêncio pouco agradável foi quebrado por Boudica.

— Sabem da assembleia das tribos, calculo?

— Sim. Faremos parte da comitiva do governador.

— Estou a ver. — A voz dela tinha perdido algum do calor habitual. — Nesse caso, ver-nos-emos lá, ou talvez no caminho.

— Esperemos que sim. E agora, que tal essa bebida? Temos muito que contar uns aos outros.

Boudica preparava-se para responder quando o marido a interrompeu.

— Noutra altura. Algures menos... romano. Vem. — Pegou no braço dela e levou-a a caminho da saída. Prasutago lançou uma ordem aos seus guerreiros, que se juntaram e caminharam em conjunto até à porta, abandonando a estalagem e fechando a porta atrás deles.

Macro encolheu os ombros, infeliz.

— Será que tem que ser assim? Mal os reencontrámos, e já nos separamos?

— O tempo tem muitas formas de cobrar a sua passagem, velho amigo.

— Tentou Cato aplacá-lo.

Macro olhou-o, furibundo.

— Velho? Ora, vai-te foder. Vamos mas é voltar à pinga. Pelo menos já não temos que a partilhar com aquelas sanguessugas dos tribunos.

Voltaram a sentar-se no banco, do lado oposto ao que Pórcia ocupava. Cato ergueu a caneca, espantou-se com a sua leveza e sacudiu-a. Mal ouviu o pouco líquido que dançava lá dentro. Voltou a encher a caneca de Macro e deitou o que sobrava no jarro para a sua, antes de a erguer num brinde, num esforço para voltar a animar o ambiente.

— Ao vosso novo negócio. Tenho a certeza de que será um sucesso, pela quantidade de gente que tem entrado desde que aqui estamos.

Pórcia ergueu a caneca sem grande entusiasmo.

— Seria um sucesso, sim, se algumas das pessoas ficassem cá dentro tempo suficiente para beberem alguma coisa.

Cato lançou um olhar lamentoso aos restos de vinho na caneca.

— Pois, ou se oferecessem uma rodada ou outra.

— Então onde estão esses arruaceiros, afinal? — Soltou uma voz forte vinda da zona do balcão, e Cato voltou-se; avistou um homem forte, de cabelo cinzento, a passar pela porta que dava para a despensa. A jovem criada espreitava receosa por trás das suas costas. O estalajadeiro contemplou o

salão onde os seus clientes bebiam calmamente, e virou-se para a rapariga. — Então?

Ela recuou amedrontada para a porta, e ele deu-lhe um piparote na cabeça, exasperado.

— Só me andas a fazer tempo, cabra de um raio! Vai para ali e vê se avivas o lume!

A rapariga, atordoada pela pancada, quase se agachou, e esgueirou-se para ir fazer o que lhe fora ordenado.

Cato acenou na direção do homem.

— Imagino que seja o proprietário, e vendedor, da estalagem, não?

— Ele mesmo. — Pórcia acenou-lhe quando ele olhou para eles. — Aliás, acho que é altura de fechar o negócio, agora que o meu rico filho concordou em investir no meu novo estabelecimento.

— Investir? — Repetiu Macro, ainda a remoer a história. — A mim dá-me mais a sensação de ter sido assaltado.

Pórcia ignorou os queixumes do filho e sorriu enquanto o proprietário se dirigia para a mesa que ocupavam. Movia-se com a certeza de quem está habituado a comandar e a não tolerar qualquer problema a um dos seus subordinados. O cabelo rareava-lhe já, mas o físico bem cuidado que lhe tinha garantido passagem ileso através de inúmeras batalhas ainda lá estava. Cato não duvidou de que o homem fosse capaz de impor a ordem entre quaisquer clientes que armassem confusão na estalagem. Quando se aproximou o suficiente para as suas feições serem facilmente reconhecíveis, Cato voltou a espantar-se, e a soltar uma saudação amigável.

— Centurião Gaio Túlio!

O estalajadeiro abrandou o passo e semicerrrou os olhos, tentando perceber quem o tinha reconhecido; a expressão alterou-se abruptamente, e ele sorriu com ar amigável.

— Macacos me mordam, se não são o Cato e o Macro! Mas o que estão vocês os dois aqui a fazer? Pensava que a Segunda Legião se tinha visto livre de vocês há já muitos anos.

— E viu mesmo. — Riu Macro. — Mas ao que parece, a rapaziada tem andado um bocado atrapalhada com os nativos, e tiveram que chamar uns soldados a sério para resolver a questão.

— Ah, sim, está-se mesmo a ver! — Túlio deu um soco amigável no ombro de Macro. — Safamo-nos muito bem sem vocês os dois, meliantes de primeira. Mas isto é uma verdadeira surpresa, e fico sempre contente por rever velhos camaradas. Sabem os deuses quão poucos ainda restam. — Virou-se para Pórcia. — Ah, senhora, aí está. Está com eles? — Piscou o olho. — Ou são eles que estão consigo?

Pórcia lançou-lhe um olhar frio.

— Se isso é suposto ter piada, não vejo como. Por acaso, o centurião Macro é meu filho.

Túlio virou-se para confrontar Macro com ar de espanto.

— Tu tens mãe?

Puxou de um banco e sentou-se.

— Túlia! — Gritou. — Traz-me outro jarro de vinho. Do bom! Espera... Aquela pinga gaulesa serve! Bom, rapazes, então contem-me coisas. Como é se arranjam para estar de volta a esta cloaca? Não pode ser por apreciarem o clima.

— Cloaca? — Pórcia fixou o olhar no homem. — É por isso que estás a vender? Talvez tenha que baixar o preço nuns mil ou dois mil.

Túlio baixou a cabeça, reconhecendo a infelicidade do comentário.

— Estou a vender, senhora, porque quero ir descansar para um sítio quente algures na Campânia. A sério, não há nada de verdadeiramente errado com Londinium. Há por cá muito dinheiro a ser feito. Não sou homem para tentar enganar a mãe de um dos meus antigos camaradas de armas, não lhe parece? Além disso — o tom endureceu ligeiramente — pensava que já tínhamos combinado o negócio.

— Não. Eu fiz uma oferta. Disseste que ias considerá-la. E agora sou eu que estou a reconsiderar a oferta que fiz, dada a tua pressa em vender. Acho mesmo que nove mil seria um preço mais razoável.

Túlio mal conseguiu disfarçar a surpresa perante o tom impiedoso da voz de Pórcia.

— Caraças, que aqui está um osso duro de roer. Macro, não tenho dúvidas de que é realmente a tua mãe... Mas o preço continua a ser dez.

— Nove.

— E quinhentos.

Pórcia mordeu o lábio, pensativa.

— Nove mil e quinhentos.

Ele franziu o cenho.

— Bom, uma vez que é parente do Macro, ficamos assim. Mas estou a roubar-me a mim mesmo. — Cuspiu na palma da mão e apresentou-a. Pórcia aceitou-a de imediato, antes que houvesse tempo para Túlio mudar de ideias, e assim selou o negócio. A criada chegara entretanto com um jarro cheio de vinho que pousou na mesa, antes de se afastar com pé ligeiro. Túlio encheu as canecas mesmo até ao cimo e ergueu a sua. — À Augusta Segunda!

— À Segunda! — Ecoaram Macro e Cato, antes de esvaziarem os copos. O vinho era melhor do que Macro esperava, pelo que não perdeu tempo a pegar no jarro e voltar a encher as canecas.

— Calminha aí com o néctar. — Avisou Pórcia, com voz firme. — Isso agora é parte do meu inventário. O próximo jarro é a pagar, ouviste?

Túlio sorriu, ao ver confirmada a sua impressão.

— Tesa como um carapau. Bom, voltando ao que interessa, calculo que estejam por cá para reforçar as legiões a tempo da nova campanha.

— Precisamente. — Confirmou Cato. — O Macro vai para a Décima Quarta, como centurião-chefe.

— Pffff! A Décima Quarta, que bando de tansos. Nem para lamber as botas da Segunda prestam, digo eu.

Macro não quis seguir aquele caminho de denegrir a reputação da sua nova unidade, já que com o correr do tempo esperava adquirir algum orgulho na Décima Quarta. Cerrou os lábios e serviu-se de mais vinho, enquanto comentava.

— Veremos isso.

Túlio virou-se para Cato.

— E tu? Vais com o Macro? Com toda a certeza ele tem lugar para um bom centurião como tu.

Cato sentiu-se algo constrangido.

— Não. Vou para outra unidade. Uma coorte de cavalaria Trácia. Foi-me atribuído o comando.

Túlio ficou siderado.

— Tu? Mas... nesse caso, já deves ser prefeito. Foda-se, ora aí está uma surpresa das grandes. Quando nos encontrámos da última vez, eras um centurião ainda verde.... — Fez uma pausa e mostrou-se por sua vez incomodado. — Porra... Bem jogado, miúdo. Quero eu dizer, senhor.

— Não há necessidade de formalidades. — Respondeu Cato. — Não estamos de serviço. Aliás... Tu já nem estás na tropa.

— Sim, mas continuo a ter respeito pela patente. E pelo homem que a alcançou. Prefeito Cato. Isso é que é. Mesmo a sério. Pelos deuses, deves ter andado metido em grandes confusões e ter-te coberto de glória para conseguires uma promoção a prefeito. Ou isso ou saltaste para cima da senhora do Imperador. Ou meteste-te debaixo do Cláudio. Ao que tenho ouvido, o velhote é danado para a brincadeira.

Macro esvaziou a caneca e espetou um dedo no ar.

— Já chega. O Cato chegou à patente pelo caminho difícil. Eu sei. Estava lá ao lado dele.

— Seja, ainda bem para ele. — Admitiu Túlio. — E agora acabaram aqui os dois, no túmulo da ambição, como é costume dizer-se.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que não há glória a conquistar por estas bandas. Isso já acabou. As grandes batalhas são coisa do passado. O Carátaco e o seu ban-

do raspam-se para as montanhas. A maior parte dos nossos rapazes estão enfiados em fortes, de olho nos nativos, e a tentar evitar que deem cabo deles sempre que saem em patrulha. De vez em quando lá conseguimos encurralar alguns desses sacanas pintados, e damos-lhes o que merecem. Mas ao ritmo a que as coisas acontecem, atrevo-me a dizer que Roma ainda andará a tentar amansar estes bretões muito tempo depois de toda a gente já se ter esquecido de que em tempos houve uma invasão. Querem um conselho? Peça transferência, assim que tiverem ocasião.

Macro retorquiui.

— Estás enganado. O Ostório vai-lhes oferecer uma última oportunidade para se submeterem a Roma, e quando eles recusarem vai-lhes cair em cima com toda a força. — A voz do centurião começava a ficar arrastada.

Túlio gargalhou.

— A sério? Achas mesmo que é a primeira vez que um governador tenta acabar com a resistência destes bandalhos? O que é que te faz pensar que este tem mais hipóteses de concluir a tarefa do que o Aulo Pláucio?

Macro agitou um dedo no ar, e Cato deu uma palmada desanimada no próprio peito.

— Porque desta vez somos nós quem vai combater por ele. Ai está!

Cato entrelaçou os dedos, enquanto abanava a cabeça, adivinhando o que se ia seguir. Macro já estava lançado, e ergueu o punho no ar.

— Vamos mostrar ao Carátaco umas coisas, vais ver! Amachucar-lhe o focinho e dar-lhe umas palmadas por se ter portado mal. A coisa vai estar acabada antes da saturnália.

— Queres fazer uma apostinha? — Lançou Túlio, aproveitando a ocasião.

— Evidentemente. — Maço anuiu com vigor.

— Macro! — Irritou-se Pórcia. — Nem penses!

Antes que o filho lhe pudesse responder, sentiu-se uma corrente de ar frio na sala quando alguém abriu a porta; era um escriba do quartel-general, que entrou. Olhou em redor até notar a mesa a que Cato e os outros estavam sentados, no preciso instante em que Macro lançava um impropério por cima do ombro.

— Foda-se, tapem esse buraco!

— Perdão, senhor. — O escriba empurrou a porta até ela voltar a cerrar-se; dirigiu-se à mesa e colocou-se em sentido. — Prefeito, peço desculpa, mas o governador envia-lhe cumprimentos e informa que devem estar os dois preparados amanhã de manhã para o acompanhar quando partir para Durocornovium.

— Muito bem. — Assentiu Cato. — Lá estaremos. Podes seguir.

O homem baixou a cabeça e saiu. Cato levantou-se.

— Macro, vamos. Temos que encontrar o Décimo e dizer-lhe para nos preparar as bagagens. E depois, acho que um bom descanso é aconselhável.

— Uma gaita. Estou aqui a apreciar um copo com o Túlio. Quando acabar, lá irei ter.

Por momentos, Cato considerou a possibilidade de ordenar ao amigo que o acompanhasse. Mas sabia que isso ia deixar Macro de péssimo humor. Melhor seria deixá-lo beber até ao fim e voltar aos aposentos satisfeito e bêbado. Além disso, a inevitável ressaca que o afetaria na manhã seguinte daria a Cato algum descanso enquanto seguissem a caminho de Durocornovium.

No dia seguinte, pouco depois da alvorada, Pórcia foi despedir-se deles. Cato tinha dado a Décimo prata suficiente para comprar três mulas, duas para as bagagens e uma para ele próprio. O governador tinha autorizado a atribuição de cavalos a Cato e Macro. Não se deu nenhuma cena chorosa nos portões da cidade, já que estes ainda nem existiam, e os limites de Londinium eram pouco claros, ficando algures no meio dum amontoado de barracas mal-amanhadas que se espalhavam pelos lados da estrada que seguia para ocidente. Temendo pela segurança da mãe entre os habitantes da área, de aspeto bárbaro e pouco amigável, Macro deteve o cavalo, esperou que o último homem da coluna passasse, e deu-lhe um beijo fugidivo na testa. Bem desejava que a sua própria cabeça não latejasse como fazia. E também não apreciava a náusea que lhe dominava as entranhas e que ameaçava humilhá-lo à frente dos seus camaradas, no caso de se ver obrigado a vomitar.

— Será melhor separarmo-nos aqui. — Sugeriu o centurião. — Não sei até que ponto é que esta malta por aqui é de confiar.

Assinalou alguns dos moradores, que tinham acordado cedo e observavam pachorrentamente os romanos que passavam a pé, com os cavalos pelas rédeas, ao longo da estrada bem vincada pelos sulcos.

— Não vai haver problemas. — Ela entreabriu a capa, revelando um porrete pendurado no cinto da túnica. — Uma lembrança dos dias de Arminium.

— Tenta não dar cabo dum grande número de nativos. — Riu Macro, tentando aligeirar o peso da despedida. — Deixa alguns para mim. É esse o meu trabalho.

Ela sorriu fracamente, e depois afagou a bochecha do filho e olhou-o com intensidade.

— Toma cuidado contigo, e com o garoto. Não faças nada estúpido. Conheço-te bem. Sei como és. Não corras riscos desnecessários. Percebido?

Macro assentiu.

Ela suspirou e abanou a cabeça.

— Talvez um dia tenhas um filho teu. Nessa altura, perceberás bem a minha preocupação. Vai lá. Antes que me faças chorar.

— Ainda está para nascer esse dia. — Rezingou Macro. — Logo tu, rija como um par de botas velho.

— Vai lá!

Sem outra palavra, e sem dar mostras de qualquer hesitação, Pórcia deixou pender a mão e virou-se, seguindo pela rua que levava ao coração de Londinium. Macro ficou a vê-la a afastar-se, mas a mãe nem uma vez se virou.

— Rija como uma velho par de botas... — Repetiu entre dentes. Por fim, puxou pelas rédeas, e fez a montada avançar a passo para se juntar ao resto da escolta do governador, enquanto os espectadores nativos, de curiosidade saciada, voltavam a recolher aos interiores dos seus casebres rústicos. Quando passaram pela última das barracas e saíram para uma paisagem aberta, o governador deu ordem aos homens para montarem.

Cato tinha aprendido a montar na recruta, e tinha tido várias ocasiões de praticar nos anos seguintes, mas ainda não se sentia perfeitamente à vontade em cima de uma sela, e o cavalo que lhe fora distribuído tinha alguma tendência para pequenos saltos nervosos e estremeções, ao menor sinal de movimento na periferia da sua visão. Ostório seguia um pouco à frente dos seus homens; de vez em quando deitava uma espreitadela por cima do ombro, vigiando Cato, e este percebia perfeitamente a intenção do comandante. Estava a tentar perceber se o seu novo comandante de cavalaria era capaz de dominar uma montada difícil. Com essa vigilância em mente, Cato concentrou-se em manter o cavalo sob controlo, e em tentar antecipar as suas reações ao que o rodeava, para ter a certeza de que ele não se espantava ou empinava e lhe provocava algum sério embaraço.

A própria estrada estava longe de ser fácil; na maior parte do tempo era apenas um trilho enlameado e, nas zonas em que o terreno era particularmente mole, os engenheiros do exército tinham construído umas armações de troncos e terra, de forma a proporcionar às colunas a pé, montadas e ao tráfico com rodados uma superfície mais estável. Não chovia, mas o céu estava carregado, e havia bancos de nevoeiro a preencher cada zona mais baixa da paisagem. Na ausência de um sol capaz de os dissipar, iam provavelmente ficar na mesma área durante todo o dia, e faziam Cato compreender perfeitamente porque é que era aquela a impressão mais duradoura que a ilha deixava nas mentes romanas. O terreno molhado tinha um cheiro fresco, um alívio depois do fedor arrepicante de Londinium. Estava-se já no fim de abril, e nos troncos nus de árvores e arbustos começavam a surgir rebentos; algumas flores mais resistentes davam à paisagem algumas pinceladas de cores brilhantes. Depressa

a cidade ficou lá longe, e a sua presença era revelada apenas por um fraco tom acastanhado no horizonte ondulante.

Em breve, Cato conseguiu tornar-se senhor do temperamento e suscetibilidades do cavalo que montava, e pôde então dar alguma atenção aos seus camaradas. Tinha havido uma breve ronda de apresentações ainda no quartel-general do governador antes de partirem, mas Cato já se tinha esquecido da maior parte dos nomes. Porém, os tipos de homens que o ladeavam eram-lhe familiares. Para lá de Ostório, iam na coluna dez legionários, escolhidos a dedo, que faziam as vezes de guarda pessoal do governador. Veteranos duros, com excelentes folhas de serviço, em quem se podia confiar para defender o governador com a própria vida, se tal se tornasse necessário. Depois vinham os tribunos. Seis oficiais subalternos, que continuariam as suas carreiras numa sucessão de nomeações para postos administrativos civis, e que um dia poderiam ser recompensados com uma promoção ao Senado. Nessa altura, alguns dos mais considerados poderiam vir a ser nomeados governadores de uma das províncias de Roma. Ostório Escápula era um deles. Tinha devotado toda a vida a dois ideais: Roma, e a busca de glória para engrandecer o nome da família. E fora sem dúvida sua ambição ser capaz de controlar a Britânia, para coroar uma longa carreira, refletiu Cato. Uma pena que as nações nativas tivessem ideias diferentes.

O último membro do grupo era um tradutor nativo, embora este mostrasse o cabelo castanho bem cortado, uma túnica e capa vermelha que o podiam levar a ser facilmente tomado por um romano. Apenas o brilho do grosso colar ricamente ornado que usava em redor do pescoço indicava a sua verdadeira origem. Marcómio, na versão latinizada do seu nome nativo, tinha trinta e tal anos de idade, era magro e de aspeto cuidado. Era bem evidente que tinha abandonado os costumes do seu povo.

Cato seguia atrás dos tribunos, enquanto Macro se deixara atrasar mais ainda, para se juntar aos guarda-costas e meter conversa com eles. O tagarelar animado misturava-se com o batuque ritmado dos cascos enquanto a pequena coluna seguia pela estrada que cruzava a paisagem verde e ondulante das terras dos atrébatas. Por todo o lado se viam campos cultivados e pequenas quintas, e de vez em quando uma mansão no meio de um padrão regular de campos trabalhados, pelo meio do que restava das antigas florestas de carvalhos e outras árvores. Ocasionalmente, passavam por um dos nativos a trabalhar o campo; Ostório atirava-lhe uma saudação amigável, e os seus oficiais imitavam-no, reparou Cato com aprovação. Nunca conseguira perceber a atitude distante e altiva que muitos romanos adotavam em relação aos povos conquistados. A forma mais rápida de romanizar uma população era encorajar as boas relações. E a forma mais rápida de antagonizar era rebaixar os seus membros, esmagá-los, tratá-los como criaturas

inferiores, uma política que apenas provocava ressentimentos, quando não levava a revolta aberta.

Depois de percorridos uns oito quilómetros de caminho, Ostório refreou o seu cavalo e esperou até ficar junto de Cato. A estrada tinha descido para um vale pouco pronunciado, mergulhado no nevoeiro, que se fechava em torno dos cavaleiros e mal permitia adivinhar as silhuetas vagas das árvores e arbustos que os rodeavam. Trocaram um aceno antes de o governador começar a falar.

— Falei com os meus tribunos e os meus guardas pessoais antes de deixarmos a cidade, mas queria assegurar-me de que tu e o centurião Macro não vão destoar. Como podes imaginar, esta ocasião é claramente de tudo ou nada. A última oportunidade para conseguirmos a paz com Carátaco e os seus seguidores. Claro que nada nos garante que ele esteja presente. Mas estarão com certeza muitos dos que partilham a sua visão das coisas, e não deixarão de o informar do que se passar. A grande maioria das tribos é já nossa firme aliada. Alguns, admito-o, de forma francamente relutante. Ainda assim, haverá mais vozes a falar pela paz do que pela guerra e, se não servir para mais nada, este encontro mostrará o isolamento em que se encontram aqueles que insistem em resistir. De qualquer maneira, não tomo nada por certo. Tu, e o teu subordinado, tratarão os delegados nativos com cortesia e respeito em todas as ocasiões. Entendido?

— Sim, senhor.

— E isso aplica-se também aos druidas, se algum deles estiver presente.

— Aos druidas? Senhor, sempre pensei que eram eles os nossos mais implacáveis adversários. Era seguramente assim quando eu e o Macro servimos aqui anteriormente.

— Oh, ainda nos odeiam ferozmente, sem qualquer dúvida, e a política oficial é de não os poupar em nenhuma circunstância, mas se não lhes permitíssemos comparecer a este encontro, não haveria qualquer hipótese de alcançarmos a paz. Espero persuadi-los a ganharem juízo.

Cato deu um estalo com a língua.

— Senhor, todos os druidas que encontrei até hoje eram fanáticos. Optariam alegremente pela morte antes de cederem um passo que fosse a Roma.

Ostório virou-se para ele com uma expressão irada.

— Como já te disse, prefeito, isso foi há muitos anos. Os homens mudam. Mesmo os inimigos mais determinados podem acabar por se cansar de se abaterem mutuamente, e encontrar em si um desejo de paz.

— Em muitos casos, sim. Mas os druidas?

— É esse o tipo de pensamento que tens que pôr de parte. E é por isso que te digo isto. Prefeito Cato, não podem ficar quaisquer dúvidas, nenhu-

ma ponta solta entre nós. Comportar-te-ás em todas as circunstâncias da forma que te indiquei, com todos os presentes neste concílio, incluindo os druidas. Aliás, especialmente com os druidas. E isso vale também para o centurião. Não permitirei que nenhum de vós provoque algum problema. É uma ordem.

— Sim, senhor.

— Ótimo. E o mesmo se aplica ao Carátaco, se ele aparecer. Ou a quem quer que represente siluros e ordovicos.

— Compreendo, senhor.

— Nesse caso, espero que o faças compreender também ao centurião Macro.

E com estas palavras, o governador incitou o cavalo, de forma a reocupar a posição à cabeça da coluna. Cato ficou a vê-lo adiantar-se com um sentimento de alguma pena. Parecia-lhe que Ostório estava a apostar demasiado no seu evidente desejo de paz. Mesmo que conseguisse persuadir Carátaco a depor as armas, Ostório devia saber muito bem que os termos dessa paz seriam inaceitáveis para Roma, desde que neles houvesse o mais pequeno indício que apontasse para uma humilhação do Imperador e das suas legiões. Por muito que partilhasse o desejo de paz do governador, temia bem que o mais provável resultado da cimeira seria a continuação do duro conflito. O que agradaria sobremaneira a Macro, refletiu Cato, com um sorriso amargo. Era para isso que o amigo vivia. O combate era o seu elemento, como a água o era para os peixes. Ia ser interessante ver como ia o veterano lidar com as ordens diretas do governador.

Refreou o andamento do cavalo e esperou que Macro e os legionários o alcançassem. Macro parecia ter já recuperado da ressaca, e estava a contar uma história picante enquanto segurava um cantil repleto de vinho, que um dos homens lhe tinha passado para as mãos.

— ... E disse eu, “Uma pena que ela só tenha uma das pernas”. E ele não percebeu nada!

Os outros soltaram tremendas gargalhadas, enquanto Cato retomava o andamento, colocando-se ao lado do amigo.

— Essa já tem barbas. Deve ser para aí a décima vez que a oiço.

— As piadas são como o vinho, quanto mais velhas, melhores são. — Ripostou Macro, enquanto prendia as rédeas na sela de forma a poder levantar o cantil e sorver algum vinho.

— Isso parece-lhe recomendável?

Macro fez estalar os lábios e encolheu os ombros.

— Ora, o pelo do mesmo cão, e histórias desse género.

— Imagino o que diria a sua santa mãe.

— Não, não imaginas. Mas o que estás tu a fazer, aqui na retaguarda com o pessoal alistado?

— A transmitir ordens do governador. Quer-nos bem comportados ao pé dos nativos. Portanto, se fosse a si, ia com calma com a bebida.

— Não há problema. Sei muito bem refrear a sede quando é preciso. Por agora estou aqui na brincadeira com os rapazes. Sabes que podes contar comigo, quando chegar a altura. Alguma vez te deixei mal?

— Não, não dessa forma. Mas, se bem me lembro, já me arrastou para uma ou duas zaragatas desnecessárias. Há ocasiões para isso. Mas aqui e agora temos mesmo que nos portar bem. Como cidadãos-modelo.

— Se eu quisesse ser um cidadão-modelo, nunca me teria alistado nas legiões.

— Macro, foram-nos dadas ordens claras. É tudo o que importa.

Macro assentiu, desconsolado, e deixou-se ficar para trás para devolver o cantil ao seu proprietário, antes de voltar para junto de Cato, que espreitava para os dois lados da estrada por onde a coluna seguia, envolta em nevoeiro. Macro não evitou um fungar irónico.

— Só espero que as tribos estejam também assim interessadas em ganhar um prémio de bom comportamento. Olha que belo sítio para uma emboscada! Podiam atacar-nos de todos os lados antes de sabermos o que estava a acontecer.

— Obrigado por tão reconfortante pensamento. — Cato esforçava olhos e ouvidos na tentativa de descortinar qualquer som ou movimento suspeito, mas nada se passava, e o único som vinha da conversa em tom de surdina dos tribunos, dos soldados, e do regular bater dos cascos dos animais. Por cima deles, o céu abriu ligeiramente, e o Sol surgiu, embora não passasse de um disco pálido que dava luz mas não fornecia calor.

Passaram algumas horas, e o ambiente sombrio sofreu apenas uma breve interrupção quando a estrada passou por uma crista no terreno, antes de voltar a descer para outro vale imerso no nevoeiro. Pela altura em que o Sol atingia o zénite, o governador deu ordem de alto, para descansar os cavalos e permitir aos homens saírem das selas por alguns momentos. Dois dos soldados correram a segurar as rédeas dos cavalos dos oficiais, enquanto estes também esticavam as pernas.

Ostório sorriu a Cato.

— E como te sentes tu, neste regresso ao solo britânico? Não há em todo o Império outro sítio como este, quando se trata de pôr os pelos da nuca em pé, hã?

Cato recordou as neblinas e nevoeiros britânicos, a forma como eles tomavam conta da paisagem por dias a fio e influenciavam a imaginação de muitos dos homens. Nada que afetasse Macro, evidentemente, mas que

contribuía para deixar Cato tenso e ansioso. Preparava-se para responder a Ostório quando ouviu um ténue som de cascos a martelarem a terra do caminho.

O sorriso de Ostório apagou-se-lhe da face; saiu da estrada e olhou para os guardas, que esperavam em silêncio junto às montadas.

— Centurião Macro, tira os homens da estrada. Bem como aquele vosso criado. Metade em cada flanco, a uns vinte metros, e aguardem pela minha ordem antes de avançar. Os outros, montem e formem uma linha na estrada.

Enquanto os soldados se colocavam em posição, Cato e os outros voltaram a montar, e formaram uma linha na estrada. Ostório estava de ouvidos atentos, e foi o último a trepar para a sela, fazendo avançar o cavalo até ficar ligeiramente à frente dos seus oficiais, a meio da estrada. Cato viu como a mão esquerda do governador descansava sobre o punho da espada enquanto esperava. O som dos cavalos que se aproximavam era agora muito mais distinto, e um dos tribunos mais novos, que ladeava Cato, limpou a garganta, nervoso.

— Quantos serão, na sua opinião?

Cato não percebeu bem a quem se dirigia a pergunta, mas era óbvio que o jovem oficial precisava de umas palavras que o animassem. Já tinha experiência suficiente de tropas montadas para arriscar um palpite.

— Diria que não mais de dez.

O tribuno anuiu e, seguindo o exemplo do comandante, colocou a mão no punho da espada. Cato reparou no tremor nervoso nos dedos do oficial. Lembrou os seus próprios receios nos primeiros dias que passara no exército, sempre que um combate se tornava mais iminente. O medo desaparecera, mas ainda continuava a ser apoquentado por uma enorme ansiedade, sobretudo de não estar à altura do que lhe era exigido e do que os seus camaradas, em especial Macro, esperavam. A isso juntava-se o terror perante a possibilidade de sofrer um ferimento incapacitante, que fizesse dele apenas um objeto de piedade e de ridículo. Nesse momento, os seus pensamentos foram interrompidos pelo cavalo, que resolveu remexer-se e tentar sair da linha. Cravou-lhe os calcanhares com firmeza e rangeu os dentes enquanto tentava dominar o animal e voltar a colocá-lo em posição. Quando o conseguiu, já o som dos cascos estava próximo, até que por fim um vulto indistinto começou a emergir do nevoeiro, seguido por um grito lançado na língua de uma das tribos nativas. O cavaleiro refreou subitamente a montada, no que foi imitado pelos que o acompanhavam, que formaram também uma linha na estrada.

Soou um grito de desafio, na mesma língua, e Ostório ergueu a mão esquerda em saudação.

— Romanos!

Ouviu-se um grunhido abafado à laia de resposta, seguido de silêncio e imobilidade. Um leve raspar metálico chegou aos ouvidos de Cato, que olhou em redor e descobriu que o tribuno que o interpelara havia pouco estava a desembainhar a sua espada.

— Guarda isso, idiota! — Instou Cato. — Não fazemos nada sem ordem do governador.

O tribuno voltou a recolher a lâmina, mas os dedos continuavam a fechar-se e abrir-se de forma quase incontrolável.

— Avancem para serem reconhecidos! — Ordenou Ostório. A pausa tensa prolongou-se, até que um dos bretões fez adiantar o cavalo e saiu do nevoeiro, revelando uma figura gigantesca envolta num manto de peles, sob o qual se notava a presença de uma cota de malha de brilho baço. O cabelo escorria-lhe pelos ombros, e à medida que se aproximava, o governador reconheceu-o, pelo que baixou a mão e acenou em saudação.

— Rei Prasutago.

— Governador Ostório. — Veio a resposta, num voz profunda e ribombante. — Por momentos temi que fosse uma emboscada.

— Quem se atreveria a emboscar-vos, aqui em território sob controlo romano?

— Todos temos os nossos inimigos. — Prasutago virou-se e fez sinal à sua comitiva, que avançou para se juntar a ele, ao mesmo tempo que Ostório chamava Macro e os seus guardas de regresso à estrada. Os cavaleiros icenos não deixaram de olhar com suspeição para os legionários que surgiam dos dois lados. O governador fez avançar o cavalo e apertou o braço de Prasutago.

— Seria uma honra se vocês se juntassem a nós durante o resto da viagem até Durocornovium.

— Sentir-me-ia eu honrado se vocês se juntassem a nós.

Ostório ponderou brevemente e assentiu.

— Muito bem, é com todo o prazer que aceito o teu convite.

A tensão diminuiu visivelmente, e Cato ouviu o longo suspiro de alívio que o tribuno ao seu lado soltava, enquanto relaxava na sela.

Pouco depois, o agora alargado grupo de cavaleiros saiu do nevoeiro, já que a estrada subiu um pouco para se unir a uma via mais frequentada que corria pelos cimos das colinas que se estendiam para ocidente. O céu começou a clarear, e o sol a rebrilhar por entre as abertas ocasionais, lançando sombras que dançavam na paisagem. O governador seguia ao lado de Prasutago, fazendo tentativas ocasionais de começar uma conversa. Os guerreiros icenos seguiam-nos de perto. Vinham a seguir a rainha Boudica, ladeada por Cato e Macro, e por fim o resto dos romanos.

— Tinha esperança de vos alcançar. — Confidenciou ela. — Depois da melindrosa situação de ontem à noite, queria ter uma ocasião para desanuviar a atmosfera.

Ao contrário do marido, ela tinha aprendido a língua de Roma desde muito nova, graças a um mercador que o pai tinha contratado, depois de perceber, muitos anos antes de a invasão ocorrer, que se ia tornar necessário conversar com os representantes da grande potência que tinha já alcançado as costas da Gália e se mostrava claramente disposta a atravessar o mar e invadir a Britânia...

— Passou já tanto tempo. — Continuou. — Mas não mudaste muito, Macro. Continuas o mesmo patife bem parecido.

O centurião respondeu com um grunhido meio indiferente. Era complicado reencontrar uma pessoa com quem tinha tido uma relação tão próxima e tão física. Claro que tinha havido afeição entre eles, mas a verdade é que tudo fora, antes de mais, uma questão de desejo, puro e simples. E a situação tornava-se ainda mais difícil dada a presença de Prasutago, de quem Boudica se tornara prometida da última vez que Macro a tinha visto. Agora era sua esposa, e ele era rei. Uma situação realmente complexa, e Macro não estava seguro quanto à melhor forma de a enfrentar. Nem se punha a hipótese de voltarem ao mesmo tipo de relação. Mas também lhe era difícil tratá-la com a distância e deferência devidas à sua posição formal. E aquela atitude amigável dela, de velhos companheiros, ainda tornava a coisa mais difícil.

— Mas tu, Cato, agora tens todo o ar de um veterano experimentado, e essa cicatriz dá-te um ar muito atraente. Ficas com um certo aspeto selvagem.

— É o que diz a minha mulher.

— E casado! Não devia ficar nada espantada. Quem é a sortuda?

— Chama-se Júlia.

— E onde anda?

— Em Roma.

— Oh, coitada. Isso não deve ser fácil para nenhum dos dois. Porque é que não a trouxeste contigo?

Cato fez uma pausa antes de responder. Queria explicar, lembrar que Júlia estava habituada aos confortos e luxos que lhe eram proporcionados pelos pai, e que, na realidade, temia que ela ficasse ressentida com ele se a obrigasse a viver na Britânia, com o seu clima inóspito e tribos ainda menos acolhedoras. Limpou a garganta.

— Prefiro que a Júlia fique onde se sente melhor.

— A sério? — Boudica lançou-lhe um olhar curioso. — Por mim, era capaz de pensar que uma esposa se sentiria melhor com o marido ao lado.

— É diferente para as mulheres romanas.

— Menos animado, queres tu dizer.

— Possuem um elevado sentido do dever. Estão preparadas para aguardar pelo regresso dos seus maridos que cumprem serviço ativo, e a manterem as casas enquanto esperam.

— Oh, sim, claro. — Assentiu Boudica. — Percebo que a tua Júlia prefira essa situação. Quer dizer, não deve querer demasiada excitação nessa vida regalada, não é?

Cato irritou-se. Não apreciava aquele interrogatório sobre o seu casamento. Já se sentia suficientemente afligido quanto à situação por si mesmo. Resolveu inverter a questão.

— Então e tu? Estás contente com as tuas novas funções? E o Prasutago?

O sorriso de Boudica desvaneceu-se, e ela olhou para a frente da coluna, fitando os ombros largos do marido, que cavalgava lá na frente.

— Tornou-se rei há apenas dois anos.

— Sortudo. — Comentou Macro.

— Nem por isso. A escolha era entre o exílio ou a coroa. E para lá de passar a ser visto como o capacho de Roma, o Prasutago ainda teve de aceitar a construção de uma série de fortes ao longo da nossa fronteira, e permitir livre passagem às patrulhas romanas. Pior ainda, o Ostório insistiu em que o Prasutago tinha que honrar as dívidas que o velho rei, Bodomínio, tinha contraído; o homem pediu uma fortuna aos usurários romanos. E agora o nosso povo está enterrado em impostos até ao pescoço para conseguirmos pagar tudo, e ainda somos obrigados a fornecer quinhentos jovens por ano, para servirem nas vossas coortes auxiliares. Digo-vos, se é assim que Roma quer tratar todas as tribos da Britânia, é só uma questão de tempo até se dar um levantamento geral.

— Os icenos estão a pagar o preço de terem desafiado Roma. — Comentou Macro, em tom neutro. — Eram apenas uma tribo. O que esperavam alcançar?

— A única tribo a revoltar-se, sim. Mas não a única com queixas. Os nossos vizinhos, os trinobantes, ainda estão pior, sobretudo desde que o governador resolveu fundar uma colónia de veteranos em Camulodunum. A terra em redor foi dada aos vossos homens, que não se coibiram de se apossar de outras parcelas ainda. Quem tentar protestar é espancado. Alguns foram mesmo mortos. E depois há o templo dedicado a Cláudio, que está a ser construído bem no coração da cidade. Não fazia ideia de que ele era um deus. — Desdenhou ela. — Não me deu muito esse ar quando o vi durante a sua curta visita a Camulodunum.

— Cuidado. — Avisou Cato. — Esse tipo de conversa é perigoso, so-

bretudo se chegar a Roma. Os imortais possuem formas muito pouco agradáveis de lembrar aos outros a sua própria mortalidade.

— Pode ser que sim, mas as ameaças tendem a perder peso quando as pessoas são levadas longe demais. Os trinobantes já estão muito pouco felizes com a usurpação das suas terras. Mas, para piorar as coisas, estão a ser taxados para pagar a construção do templo. Conseguem imaginar isto? Ser sugado até ao tutano para arranjar forma de pagar um monumento a quem vos oprime? Se é esta a paz que Roma oferece, temo bem que o vosso governador vai ter muito trabalho para convencer as tribos de que é uma proposta valiosa. Não adivinho nada de bom em resultado deste encontro.

— Nesse caso, porque é que vieram? Porque é que o Prasutago aceitou o convite para este concílio com as tribos?

— Convite? — Boudica soltou uma gargalhada amarga. — Uma convocatória, é mais o termo. Como um senhor a convocar um escravo, ou um cão, à sua presença. Estamos aqui porque não vir custaria aos icenos ainda menos simpatia da parte do vosso governador. E calculo que se passe o mesmo com as outras tribos que têm a felicidade imensa de serem aliadas de Roma.

— Ele procura a paz. — Insistiu Cato. — O Ostório quer pôr fim ao conflito nesta província.

Ela virou-se para ele, pouco convencida.

— Não percebeste? Acabo de te mostrar o que significa realmente a paz para todas as tribos que já se submeteram ao jugo de Roma. E se é esse o significado, assim tão pervertido, da palavra paz, diz-me então, Cato, serias tu capaz de a acolher, se fosses um nativo desta ilha?

Ao entardecer do terceiro dia de viagem, o pequeno grupo de romanos e icenos deixou a estrada para Durocornovium e dirigiu-se a Cunetio, um fortim a uns oito quilómetros dos círculos sagrados onde ia ter lugar o concílio das tribos. A pequena guarnição local era composta por meia centúria de gauleses comandada por um optio, que imediatamente colocou as suas pobres acomodações ao dispor do governador, enquanto aos seus homens era dada ordem para deixarem as casernas, para dar lugar aos outros visitantes. Os soldados iam ser obrigados a passar a noite ao relento ou nos armazéns bafientos. O optio tinha recebido informações sobre o encontro, e fora-lhe recomendado que mantivesse os seus homens no fortim, de forma a evitar qualquer contacto com nativos que pudessem estar de passagem. Ostório estava decidido a não deixar nada ao acaso na sua busca por uma alternativa a mais uma temporada de dura campanha militar.

— Senhor, fizemos como nos foi recomendado. — Confirmou o optio. — Há cinco dias que os meus homens não passam daqueles portões para fora.

— Excelente. Avistaram alguma das delegações tribais a passarem por aqui?

— Sim, senhor. Várias. E nalgumas pareceu-me ver druidas.

— Consegues distingui-los? — Inquiriu Macro.

O optio pensou rapidamente, e confirmou.

— Os guerreiros e outros membros das delegações usavam cores vivas. Estes de que falo cobriam-se com capas sem adornos. E eram poucos, também. Mas tinham um ar diferente, e mantinham-se à parte dos outros na estrada.

Macro virou-se para Cato.

— Druidas? Não posso dizer que me agrade a ideia de voltar a cruzar o caminho dessa gente.

Ostório cortou-lhes a palavra.

— Não vai haver cruzamento algum com os druidas, nem com outros quaisquer. Está claro? Todos os que vierem ao encontro no círculo de Avibarius têm salvo-conduto garantido durante um período de dez dias. Se al-

guém provocar algum conflito durante este período de trégua, não manterá a cabeça em cima dos ombros por muito tempo.

— Sim, senhor. — Macro baixou a cabeça, em sinal de aceitação das instruções. — Mas o que acontecerá se o outro lado não se portar de acordo com essa disposição? Quais são as regras para nos metermos ao barulho?

— Nenhum de nós desembainhará qualquer arma, exceto em caso de autodefesa, e mesmo assim só se o adversário primeiro empunhar a sua arma. — Enunciou Ostório em tom firme, enquanto encarava os seus oficiais. Os icenos já tinham ocupado a caserna que lhes fora designada, e apenas um punhado deles ainda se mantinha no exterior, observando em silêncio enquanto o governador se dirigia aos seus homens. — Se isso se tornar absolutamente necessário, combateremos, mas esperarão pelas minhas ordens antes de agir. E que os deuses ajudem quem se lembrar de infringir as minhas ordens quanto a isto.

Deixou que a ameaça fosse bem compreendida antes de prosseguir em tom mais moderado.

— Por esta altura já todos os grupos devem ter chegado. Marcómio, o meu tradutor, irá até ao local para confirmar que assim é. E nesse caso, a primeira reunião deverá acontecer esta noite mesmo. Uma vez que o local é sagrado para os nativos, esperaremos aqui mesmo até que nos venham dizer que eles estão prontos para nos receber. Depois disso, senhores, estaremos à mercê dos deuses.

Macro debruçou-se para Cato e sussurrou.

— Pois sim, mas quais, os nossos ou os deles?

— Até que chegue o momento — prosseguiu Ostório, — sugiro que descansem. Vão precisar de toda a vossa atenção esta noite. Estão dispensados.

Enquanto Ostório se dirigia para os aposentos do optio, os tribunos e os soldados da escolta começaram a encaminhar-se para a entrada do seu bloco de casernas.

— Vens? — Perguntou Macro. — Um dos guardas tem um odre de vinho decente. Desafiei-o para um joguinho de dados. Queres vir?

Cato sentiu-se dividido. Seria uma distração bem-vinda passar umas horas com Macro e os outros mas, ao mesmo tempo, sendo um prefeito, havia uma diferença de patente que nem ele nem os legionários que constituíam a guarda do governador podiam ignorar, mesmo fora das horas de serviço. Abanou a cabeça.

— Preciso de tempo para pensar um bocado.

Macro sorriu.

— Estás outra vez com saudades da tua mulher.

— Macro, isso é um estado permanente. E calculo que se vá manter ainda por muito tempo.

— Depressa terás mais com que te entreter. — Macro deu-lhe um murro ao de leve no ombro, e voltou-se para seguir para o interior da caserna. Depois de o amigo ter desaparecido no interior do edifício, Cato subiu à torre de vigia do fortim e deixou o olhar perder-se no ocidente, onde o Sol tombava sobre o horizonte ondulado. A poucos quilómetros dali, naquela direção, ficavam os sagrados círculos de pedras, e lá perto estariam os acampamentos de todos os que ali se tinham dirigido, vindos dos seus territórios tribais. E entre eles haveria druidas. Cato sentiu um arrepio a subir-lhe a espinha ao lembrar-se dos druidas da lua negra. Ele e Macro tinham-nos combatido da última vez que tinham estado na Britânia. Fanáticos e destemidos, não recuavam perante nenhuma crueldade na guerra contra Roma. Se eles se tivessem decidido a comparecer ao concílio das tribos, Cato estava certo de que seriam infatigáveis no incentivo a todos os outros para que destruíssem as legiões, mesmo no caso das tribos que já eram aliadas de Roma. Era esse o verdadeiro perigo que os ameaçava nos dias que se aproximavam, a possibilidade de que a tentativa de Ostório para estabelecer uma paz duradoura pudesse degenerar numa revolta generalizada contra os comparativamente poucos e já assoberbados legionários e auxiliares de que o exército dispunha na Britânia. E a maior ameaça era a pouco credível possibilidade de que o próprio Carátaco surgisse em frente às tribos reunidas e as convencesse a juntar-se a ele na guerra contra o invasor. Estremeceu.

— Com frio?

Cato virou-se rapidamente e avistou Boudica, que lhe sorria do cimo das escadas de acesso.

— Um pouco. O dia foi longo, e estou cansado.

Boudica subiu os dois últimos degraus para a plataforma, dando tempo a que Cato retomasse o controlo absoluto dos seus nervos. Juntou-se a ele e seguiu com o olhar a direção que Cato fitara um momento antes.

— Ainda se vai tornar mais longo, parece-me. — Comentou ela. — E mais cansativo. Acho que o governador Ostório está a cometer um erro. Nunca devia ter avançado com este encontro. Nenhuma promessa que ele possa fazer satisfará as tribos hostis e, acima de tudo, nenhuma promessa que os seus superiores em Roma algum dia pudessem vir a aceitar.

Cato temia que ela tivesse toda a razão, mas não duvidava ainda assim da sinceridade dos esforços do governador para evitar novos derramamentos de sangue.

— Sim, isso é bem verdade.

— Nesse caso, o que estamos aqui a fazer?

Cato olhou em redor, para ter a certeza de que mais ninguém escutava as suas palavras.

— Estamos aqui porque Ostório está velho e doente, desgastado pela pressão a que o cargo o submete. O que ele quer, acima de tudo, é regressar para junto da sua família e poder passar os seus últimos dias em paz e conforto. Se tiver que enfrentar mais uma época de campanha, ele pode muito bem não lhe sobreviver. Temo bem que esta terra o tenha quebrado.

— Nesse caso, devia partir. E levar as suas legiões com ele.

Cato ficou assombrado com a veemência na voz dela. Nos dois últimos dias, a atmosfera entre romanos e icenos tinha-se tornado mais cordial.

— Sabes que isso não vai acontecer.

— Nesse caso, todos teremos que viver com as consequências. — Ripostou ela, mais calma, antes de se obrigar a sorrir. — Mas chega desta história. Velhos amigos, velhos camaradas, devem pôr de parte os pensamentos que os dividem. Partilhámos perigos e prazeres, e tal laço não é facilmente quebrado. Diz-me, achas que, depois de tantos anos, o Macro ainda está zangado por eu me ter tornado esposa do Prasutago? Na altura tentei fazê-lo compreender que não tinha grande escolha.

— O Macro é o Macro. Não é próprio dele guardar rancor por uma coisa dessas. Tinha uma forte afeição por ti, sim, mas prometeste-te a outro homem e isso provocou nele alguma mágoa e mesmo raiva, por algum tempo, mas depois passou, e atirou o assunto para trás das costas. É assim que ele vive, por escolha própria. Portanto, duvido que te tenha ainda algum rancor, a ti ou ao Prasutago.

— Quem me dera ser capaz de ser tão filosófica.

Cato riu com vontade.

— Duvido que seja uma questão de filosofia, pelo menos na visão do próprio Macro. Aliás, se o quiseres chatear mesmo a sério, é chamares-lhe filósofo na cara dele.

Boudica riu também, mas depressa voltou a uma expressão pensativa.

— Ainda assim, gostava de ser capaz de pensar que o que ele sentia por mim não foi assim tão facilmente atirado para o lado, como um trapo gasto.

Cato pressentiu o remorso na voz dela, e ao mesmo tempo percebeu, com uma ponta de culpa, que nunca lhe tinha passado pela cabeça que o amigo pudesse ter inspirado sentimentos realmente profundos em Boudica. Macro era um excelente soldado, do melhor que alguma vez vivera, e como amigo era de uma lealdade extrema. Mas não parecia possuir muitas outras qualidades que Cato conseguisse imaginar que pudessem ser atraentes para uma mulher que não ganhasse a vida na posição horizontal. Quase estremeceu perante a baixeza dos seus pensamentos. Macro era o seu maior amigo. Sentia-se tão próximo dele como de um irmão ou de um pai.

Um clarão repentino desviou-lhe a atenção para uma colina baixa no horizonte, onde o brilho líquido do sol refulgia contra um céu limpo de nuvens.

— Belo. — Murmurou Boudica.

— De facto. — Assentiu, mas a sua mente continuava a trabalhar a toda a velocidade. A base de uma amizade verdadeira era impossível de definir. E o mesmo se aplicava ao amor, ao que parecia. Havia em Macro uma qualquer indefinida qualidade que atraía Boudica. Talvez isso acontecesse com todas as pessoas; todas elas possuíam algum traço de carácter que encaixava com o de outra pessoa, a sua companheira ideal...

— Olha! — Boudica ergueu a mão e apontou para ocidente.

Cato esqueceu a sua introspeção e avistou um brilho no meio da escuridão, a curta distância da crista atrás da qual o Sol acabara de mergulhar. Logo surgiu outro, e outros se seguiram, até que as chamas tremeluzentes pareceram definir uma elipse e uma linha que se prolongava para um lado. Os fogos tinham sido avistados por uma das sentinelas da guarnição, que fez soar o alarme, batendo com a ponta do dardo contra um pequeno caldeirão de bronze que estava pendurado à entrada do fortim. No instante seguinte o optio estava de pé, a gritar aos seus homens para guarnecerem a paliçada. A porta da caserna mais próxima pareceu explodir quando Macro surgiu do interior a correr, de capacete numa mão e a armadura dependurada do outro braço. Atrás dele vinham os outros romanos, que abriram passagem para Ostório, que surgiu ao mesmo tempo que Prasutago e os seus guerreiros deixavam os seus aposentos e corriam pela rampa interna arrelvada até chegarem ao passadiço de madeira que ladeava as aguçadas estacas da paliçada. A sentinela continuou a fazer soar o alarme, até que Macro lhe deu um berro.

— Acaba lá com essa chinfrineira!

Enquanto o último som dissonante se desvanecia, Macro colocou o capacete e enfiou-se dentro da cota de malha.

— Oh homem, informa! O que é que viste?

Antes que a sentinela pudesse responder, Cato inspirou profundamente e gritou da torre.

— Fogueiras a oeste!

Enquanto os últimos retardatários ocupavam os seus lugares na paliçada, Ostório chegou por fim ao passadiço, a respirar pesadamente. Os fogos, dezenas deles, brilhavam com fulgor, tornando-se bem visíveis. E escutava-se um murmúrio baixo entre os soldados, até que um dos jovens tribunos lançou a questão.

— O que é aquilo? Parece um exército em movimento.

Ostório tossiu para aclarar a garganta.

— Aquilo é Avibaruius, imagino eu.

— Assim é, romano. — Concordou Prasutago, na sua voz profunda e clara. — É isso mesmo. — Olhou para cima, para a torre, e franziu o sobrolho ao reparar na presença da esposa. Rapidamente o gigantesco guerreiro iceno trepou pela escada acima, fazendo toda a estrutura estremecer, e juntou-se a Cato e Boudica na plataforma, que se tornou exígua. Seguiu-se uma rápida e ríspida discussão na linguagem icena, até que Prasutago se colocou entre a mulher e o prefeito e se concentrou nas fogueiras distantes.

— Os fogos marcam a fronteira das pedras sagradas. Quando o sol morre, o fogo dá luz ao mundo. Assim que os sacerdotes dão ordem para que tal suceda.

— Sacerdotes? — Cato inspirou com assombro — Queres tu dizer druidas.

Prasutago anuiu.

Quase sem dar por isso, Cato levou a mão ao peito, traçando o desenho do golpe que quase lhe custara a vida, desferido por um druida havia sete anos. Só restava a cicatriz, mas isso não o impediu de sentir um arrepio na pele sob o tecido da túnica.

— O que significam os fogos, Prasutago?

— Estão a preparar o local para o concílio. Há rituais a cumprir e sacrifícios. Para aplacar os espíritos e agradar aos nossos deuses.

— Que género de sacrifícios? — Indagou Cato, em voz baixa, mas Prasutago não lhe respondeu. Esforçava a vista para tentar perceber mais pormenores. Por fim confirmou, no seu latim mal amanhado.

— Em breve seremos convocados.

— Tão cedo?

O rei iceno encolheu os ombros.

— Porque não? Tens alguma outra coisa para fazer? — Olhou significativamente para a esposa.

Boudica ripostou sem receio.

— Estávamos a lembrar a última vez em que estivemos juntos. Os quatro, meu rei.

— Isso foi há muito tempo. Muito tempo. Muita coisa mudou. És a minha esposa, e rainha dos icenos.

— E a amizade? — Inquiriu Cato. — Também ela se perdeu?

— Um homem que tira e volta a tirar até nada deixar, será ele um amigo?

Cato sorriu.

— É de Roma que falas. Mas eu e o Macro? Alguma vez te tirámos alguma coisa? Porque não havemos de ser amigos como fomos em tempos?

Prasutago arregalou os olhos, surpreso, enquanto respondia.

— Porque vocês são romanos.

— Há movimento ali à frente! — Avisou o tribuno que falara antes. — Um cavaleiro a aproximar-se.

— Obrigado, tribuno Deciano. — Replicou o governador em tom brusco. — Posso estar a ficar velho, mas ainda não estou cego.

O comandante do fortim virou-se para ele.

— Senhor, as suas ordens?

— Mantém os teus homens a postos na paliçada. Vamos manter-nos atentos e preparados, sim? O tipo de soldados que nunca se deixariam apanhar de surpresa.

O optio sorriu.

— Sim, senhor.

O governador virou-se de novo para Prasutago.

— Talvez fosse boa ideia se a vossa comitiva se mantivesse fora de vista, em vez de dar a sensação de que estão aqui sob a minha proteção.

Prasutago ranguu os dentes e ripostou de imediato.

— Os icenos não precisam de ninguém a protegê-los.

— Evidentemente que não — apressou-se Ostório a confirmar, aplacando o rei nativo. — É apenas uma questão formal. Será melhor que nenhum dos vossos pares pense que tem razões para tirar as suas próprias conclusões.

Prasutago hesitou um momento ainda, mas acabou por soltar uma ordem para os seus guerreiros, antes de se lançar para as escadas e descer da torre. Depois de um breve olhar apologetico, Boudica seguiu-o. Os nativos reuniram-se no sopé da rampa relvada interna, escondidos da vista do cavaleiro que se aproximava. O martelar suave dos cascos chegava distintamente aos ouvidos de toda a gente na paliçada, até que por fim o cavaleiro reduziu o andamento. Instalou-se um silêncio tenso, à medida que ele se chegava ao fortim, até se poder fazer ouvir. O vulto tenebroso deteve-se por fim, a uns cinquenta passos do fosso, e uma voz ergueu-se, falando numa língua nativa.

— Onde está o maldito intérprete? — Inquiriu Ostório em voz baixa e tensa. — Marcómio, aqui comigo, porra. E depressa!

O intérprete abriu caminho por entre os tribunos e juntou-se ao governador.

— O que disse ele?

— Deseja falar consigo, senhor.

— Pergunta-lhe como sabe ele que eu estou aqui?

Depois de uma breve troca de palavras, Marcómio traduziu.

— Diz que temos sido vigiados de perto desde que passámos por Calleva, senhor. Nós e o grupo dos icenos. Os outros têm estado à espera que

chegássemos para dar início às cerimónias, senhor. Por isso, solicita-nos, bem com ao rei Prasutago, que o sigamos até às pedras sagradas.

— E quem é ele? — Quis saber Ostório. — Como se chama este tipo?

Do alto da torre de vigia, Cato tinha uma perspectiva melhor, e distinguia facilmente as vestes escuras e o cabelo longo e desgrenhado do cavaleiro. Já sabia a resposta antes mesmo de o intérprete abrir a boca.

— É um druida, senhor. E diz que o seu nome é conhecido apenas pelos que o seguem, tal como é seu uso. E, hã, solicita que o sigamos agora mesmo com todo o grupo.

— Solicita? Suspeito bem que ele tenha posto a questão em termos mais fortes. Preciso que traduzas tudo da forma mais literal que te for possível. Diz-me as palavras exatas que ele pronuncia, e deixa comigo as preocupações com os segundos sentidos dessas palavras.

— Sim, senhor.

— Diz-lhe que partimos de imediato. — Ostório virou-se para os seus oficiais. — Que ninguém olvide o que eu disse. Nenhum homem fará ou dirá o que quer que seja sem a minha ordem expressa.

— Senhor, e se alguma coisa lhe acontecer? — Inquiriu o tribuno Deciano.

— Nesse caso, creio que os vossos instintos entrarão em ação. — Respondeu Ostório com um sorriso triste. — A cadeia de comando é bem clara. Se eu tombar, o prefeito Cato será o mais antigo oficial presente. Sigam as suas ordens.

Vários dos homens olharam na direção de Cato, que descia da torre. Embora estivesse perfeitamente ciente dos seus deveres, a possibilidade real de se ver atirado para o comando no que só poderia ser uma situação desperada não deixava de lhe causar ansiedade.

Os cavalos, habituados à rotina de se verem livres das selas e alimentados ao fim do dia, resfolegaram e fungaram em protesto quando se viram de novo sob o peso das selas e do restante aparelho. Décimo tratou das mulas, aliviado por não ter que acompanhar os seus amos naquela sortida perigosa. A noite já tombara quando por fim os portões do fortim se abriram e Ostório liderou a coluna ao encontro do druida que os guiaria. Este não se tinha movido, e continuou imóvel até Ostório se aproximar e refrear o cavalo. Depois de uma pausa, o druida deu um estalo com a língua e fez avançar a montada a passo. Cato e Macro seguiam logo atrás do governador e do intérprete, e esforçavam-se por distinguir as feições do druida, que olhava com desprezo para Ostório. De perto tinha um ar ainda mais selvagem, mais desprendido do mundo que o rodeava, de cabelo hirsuto e vestes negras.

— Se aquele acha que o olhar fixo me vai assustar, será melhor que

pense noutra. — Comentou Macro em surdina. — Se não fossem as ordens, este não me escapava.

— É cedo, Macro. — Sussurrou Cato. — Se não me engano na avaliação da situação, em breve terá a sua oportunidade.

O druida deixou de contemplar o governador e começou a percorrer a coluna, devagar. Ostório manteve o olhar fixo no horizonte, disposto a não permitir que o escrutínio do druida o perturbasse. Enquanto o sacerdote nativo passava junto a Macro e Cato, o veterano lançou-lhe um sorriso trocista, e o druida ripostou com um grunhido semelhante a uma maldição lançada sobre o oficial romano. Prosseguiu, passando pelos tribunos que imitavam o seu comandante e tentavam a todo o custo disfarçar a ansiedade. Por fim, o druida parou à frente de Prasutago e da sua comitiva. Deu-se um longo silêncio até que o druida cheirou o ar, antes de torcer o nariz com ar de nojo e cuspir no chão à frente do rei iceno. Só então falou.

— O que disse ele? — Quis saber Ostório, em tom calmo.

— Afirmou que os icenos têm passado demasiado tempo na companhia dos romanos. E que por isso, hã, começam a cheirar tão mal como estes.

Macro soltou uma risada.

— Essa é muito boa. Vinda de um bárbaro de cu peludo que se passeia todos os dias por pântanos fedorentos.

Cato deitou-lhe um olhar de aviso.

— Chhhh...

O druida soltou de repente um grito agudo, fez a montada escanzelada rodopiar, e regressou para a frente da coluna. Fez um gesto a Ostório para que o seguisse e afastou-se a trote do fortim, na direção das fogueiras distantes. O ar noturno ficou repleto do ruído dos cascos e do tilintar dos arreios dos cavalos e das armaduras dos seus cavaleiros.

— Ele vai demasiado depressa. — Protestou o tribuno Deciano. — Nesta escuridão, é uma loucura completa.

— Se ele consegue, nós também temos que conseguir. — Ripostou Cato.

Depressa a relva que percorriam deu lugar à terra batida de um caminho utilizado com frequência, e Cato compreendeu que deviam ter alcançado a estrada que vinha de Calleva, o que fez diminuir um pouco a sua preocupação com a segurança dos animais.

Um pouco adiante, a estrada passou por um pequeno bosque, antes de subir até ao cimo de uma crista. O druida, conhecedor do caminho, parou para lhes permitir chegarem até junto dele, e quando o cavalo de Cato reduziu o andamento e chegou ao cimo da colina, o prefeito avistou as pedras sagradas de Avibarius no vale pouco profundo que se

abria à sua frente. O espetáculo fê-lo perder o fôlego. Uma alameda de fogueiras, com uns oitocentos metros de comprimento e cerca de vinte de largo, estendia-se ao longo de uma faixa de terreno aplanado. De ambos os lados eram discerníveis pilares de pedra, iluminados em tons vermelhos pelas fogueiras acesas nos espaços que os separavam. Ao fim da álea de fogo havia um círculo de terra, no interior do qual se viam mais menires, e sobre o qual havia outras fogueiras. No ponto onde a avenida se encontrava com o anel de terra situava-se uma entrada para o redondel, e no ponto oposto do círculo encontravam-se dois obeliscos monumentais, com uma laje a unir-lhes os cimos. À sua frente ficava um grande altar de pedra, quase invisível mesmo à luz das fogueiras, devido ao sangue seco que o escurecera ao longo de incontáveis anos de utilização. Uma fila contínua de gente descia a avenida, em direção à abertura do círculo. O druida apontou para o começo da alameda, onde centenas de pessoas e cavalos se amontoavam num espaço aberto, e incitou a montada.

Prosseguiram, descendo a encosta suave, e depressa se juntaram à multidão, que se abriu de imediato ao avistar o druida e os que o seguiam. À medida que passavam por entre os nativos, Cato sentia centenas de olhos a observarem-nos. Mas não houve qualquer saudação, nem quaisquer gritos de hostilidade lançados ao governador romano e à sua comitiva, apenas um pesado silêncio que os envolveu enquanto se dirigiam ao início da avenida de fogo. O druida fez alto ao chegar a esse ponto, e deixou-se escorregar para o solo pela garupa do cavalo. Vários jovens acorreram a pegar nas rédeas das montadas dos recém-chegados, e assim que o governador romano e os outros se aprestaram, o druida fez um gesto para que prosseguissem, soltando um curto brado e avançando a pé pela avenida.

A maioria dos que tinham comparecido para o concílio já tinham entrado para o círculo, e só a retaguarda da procissão ainda percorria a avenida de pedras e fogo. O druida caminhava apressado, mas Ostório conduziu os seus homens mais devagar, recusando-se a ceder o controlo ao druida. Ao olhar para trás, este reparou que se tinha criado um espaço, e não escondeu a raiva perante a situação, mostrando os dentes. Parou e esperou, e acabou por adotar o passo estabelecido pela comitiva romana. Cato apercebeu-se dos vultos que os rodeavam, quase invisíveis por estarem no limite da área iluminada pelas fogueiras. O silêncio e o cenário espetacular preenchiam-lhe o espírito com maus prenúncios.

— Isto não me agrada. — Resmungou Macro em voz baixa, com a mão a deslocar-se involuntariamente para o punho da espada. Obrigou-se a deixá-la pender ao seu lado. — Se houver confusão, estamos muito longe dos cavalos, mesmo que consigamos abrir caminho.

— Se houver confusão, não conseguiremos sequer sair do círculo. —
Comentou Cato.

— Obrigadinho. Vais ser uma verdadeira inspiração para os homens da tua coorte.

— Meu amigo, uma verdade amarga é bem melhor do que a mais doce das mentiras.

— Pffff! — Macro cuspiu com desdém e prosseguiu em silêncio, mantendo-se atento ao que se passava nos flancos do grupo. Por fim, aproximaram-se da abertura do círculo, e Cato reparou que estava decorada com o que pareciam grandes pérolas. Só quando se aproximaram mais é que a macabra realidade se tornou evidente: eram caveiras penduradas em pregos.

— Oh, meu doce Júpiter... — Murmurou Deciano. — Que género de lugar é este? Um templo, ou um matadouro?

— De facto, um misto dos dois. — Respondeu-lhe Marcómio, em surdina. — De tempos a tempos os nossos deuses exigem sacrifícios de sangue.

Deciano olhou para o intérprete com uma expressão de verdadeira repulsa.

— Bárbaros.

— Romano, ninguém te convidou a vires para cá.

— Nesse caso, ainda bem que viemos. É tempo de pôr fim a estas atrocidades.

Ostório olhou para trás, furibundo.

— Calados! Ninguém abre a boca.

Passaram pela entrada, um portão de carvalho com quase cinco metros de altura. Devia haver ali bem mais de cem caveiras espetadas nas tábuas, calculou Cato, e quase podia sentir os espíritos dos mortos a contemplá-lo, com intenções sinistras e hostis a todos os que chegavam à Britânia sem serem convidados. O círculo abria-se à sua frente, com uns cem passos de diâmetro. Os homens das tribos que tinham chegado primeiro tinham tomado lugares em redor do perímetro. O druida apontou para o outro lado do redondel, à esquerda do altar, onde havia um espaço vazio, e disse umas breves palavras ao intérprete.

— Senhor, ele informa que são aqueles os nossos lugares. E que os ice-nos devem ficar junto a nós.

Ostório assentiu.

— Muito bem.

Todos os rostos se viraram para os recém-chegados, não os perdendo de vista enquanto atravessavam a extensão de terra batida nua no centro do local sagrado.

— As tribos das montanhas estão presentes? — Indagou Cato junto de Marcómio. — Os ordiovicos e os siluros?

O intérprete avaliou os guerreiros que orlavam o círculo. Cato tinha reparado em diferenças subtis nas roupas e no arranjo do cabelo entre os diversos grupos.

Marcómio abanou a cabeça.

— E também não há sinais do Carátaco. O que não é grande surpresa, se considerarmos a vontade que vocês romanos têm de lhe meter as mãos em cima.

— O governador deu a sua palavra de que seriam concedidos salvo-condutos a todos. Até mesmo ao Carátaco.

— Garantias que facilmente são quebradas.

Cato deitou uma olhadela a Ostório.

— Mas não por todos os romanos, pelo menos.

Uma figura surgiu entre os pilares rochosos por trás do altar. De negro, dos ombros à ponta dos pés, o druida ostentava uma espécie de capacete de cabedal, de onde irrompia um conjunto de hastes, fazendo lembrar os galhos de uma árvore em pleno inverno. Quando os romanos e os icenos assumiram os seus lugares, o druida que os tinha levado até ali apressou-se a reunir-se aos que aguardavam junto do altar. Estabeleceu-se o silêncio até que o druida ornado avançou para o altar, lentamente, ergueu as mãos ao ar, de dedos bem abertos, fazendo lembrar, com as unhas compridas, garras vermelhas, iluminadas pelos fogos que ardiam ao cimo da muralha arenosa que os rodeava. Começou então a falar, ou melhor, a entoar uma lengalenga em tom agudo, a que de tempos a tempos os outros druidas se juntavam, em coro.

— O que dizem eles? — Perguntou Macro a Marcómio, num sussurro.

— É uma prece para que todos os que aqui estão reunidos se mostrem sábios, e cumpram a vontade dos respetivos deuses. O druida supremo pede que os espíritos dos deuses falem através de nós... E pede que tal suceda em troca da oferenda.

Cato virou-se para ele.

— Que oferenda?

Antes que Marcómio pudesse elucidá-lo, outro vulto surgiu de entre os pilares, um rapaz, ainda mal um adolescente, que envergava uma veste branca e uma coroa de azevinho em volta do pescoço. Tinha os olhos quase esbugalhados, e os lábios tremiam-lhe enquanto avançava lentamente para o altar.

Atrás do jovem vinha um homem coberto por um manto ricamente debruado. Mantinha uma mão no ombro do miúdo e a outra pendia a seu lado, inerte. Lutava visivelmente para conter a mágoa. Quando o rapaz alcançou o altar, o homem avançou, deu-lhe um beijo terno no cimo da cabeça e ficou imóvel por um momento, até que o druida supremo lançou uma ordem ríspida. O homem recuou, temeroso, de boca aberta, como que querendo lançar um aviso ao jovem. Mas nenhum som foi emitido, e depressa dois druidas lhe seguraram os braços e o imobilizaram.

— Por Hades, o que se passa? — Grunhiu Macro. — Espero bem que não seja aquilo em que estou a pensar. Marcómio, diz-me.

— É o sacrifício exigido pelos deuses, sim. Uma criança imaculada. Aquele homem é o pai.

— Como? Que raio de pai é que se disporia a participar neste maldito espetáculo de horror?

— Romano, é uma tremenda honra ser escolhido. Como vês, o rapaz avança de moto próprio. E quando tudo tiver terminado o pai será visto com enorme respeito.

— Como pode um homem ser respeitado depois de levar o próprio filho ao matadouro?

Na voz de Macro havia um tom de genuína raiva e exasperação, e Cato conhecia suficientemente bem o amigo para temer que a qualquer momento ele se adiantasse e interrompesse o ritual, sem pensar nas consequências.

— Macro, pelos deuses, controle-se. — Cato fechou os dedos em torno do pulso do centurião, que se preparava para empunhar a espada. — Não há rigorosamente nada que possamos fazer. Não podemos alterar o que se vai passar.

— Isso é o que vamos ver! — Rosnou Macro, soltando o braço.

— Não. — Cato colocou-se à frente do amigo, bloqueando-lhe a vista do altar. — Mantenha-se na formação. É uma ordem.

Macro olhou-o com uma expressão de incredulidade.

— Uma ordem? Cato... Miúdo, não podes estar a falar a sério.

A amargura dilacerava as entranhas de Cato enquanto escutava o tom

de súplica na voz do amigo. Uma parte de si queria dizer-lhe que compreendia — que partilhava — a repulsa e o desejo de interromper aquela cerimónia macabra. Mas outra parte era o soldado, o homem que obedecia a ordens. Contudo, foi a necessidade de proteger o amigo que o decidiu. Virou-se para dois dos guardas do governador.

— Segurem-no. Se ele se debater ou gritar, ponham-no a dormir.

Um dos legionários abanou a cabeça, estupefacto.

— Senhor?

— Faz o que digo! — Ripostou Cato, furioso. — Fá-lo! Antes que ele nos condene a todos.

Os legionários agarraram Macro como lhes fora ordenado e seguraram-no com firmeza, embora o veterano estivesse demasiado chocado para conseguir reagir. Limitou-se a olhar para Cato.

— Porquê?

— Nada podemos pelo miúdo.

— O que se passa aqui? — Indagou Ostório, enquanto abria caminho por entre o grupo, até à origem da comoção. A atenção dos legionários foi perturbada e Macro aproveitou para se libertar com um puxão. O governador lançou um aviso em voz baixa. — Bocas caladas e todos quietos, malditos sejam. Prefeito, fala, homem. O que se passa aqui?

Cato virou-se para o seu superior.

— Está tudo bem, senhor. Não é assim, centurião Macro?

Os olhos de Cato pediam-lhe uma confirmação, mas Macro respondeu com um olhar de desafio que durou uns breves momentos, antes de baixar a cabeça e deixar descair os ombros, desesperado e impotente. Cato virou-se, de forma a obstruir de novo a visão de Macro. O rapaz tentava subir para o altar com dificuldade, embora Cato não pudesse estabelecer se por causa do medo ou da falta de forças. O druida avançou, pegou nele pela cintura e colocou-o sobre o cimo da pedra antes de o forçar a ficar deitado, com os braços abertos. Virou-lhe a cabeça de lado, de forma a que ele olhasse para o centro do círculo, e então ergueu os braços ao céu, lançando ao mesmo tempo para trás a cabeça com as suas hastes ornamentais e entoando um cântico. A voz soava rica e melódica, e as palavras eram proferidas numa cadência ritmada. Uma frase era repetida, os outros druidas juntavam-lhe a sua voz, e depois todos os nativos presentes a entoavam — até mesmo o rapaz deitado no altar, de olhos esbugalhados mas incapaz de travar o movimento dos seus lábios, que pareciam ter adquirido uma vida própria. O som cresceu em volume até que o cântico se tornou ensurdecedor, e Cato sentiu os ouvidos assaltados pelo alarido que lhe penetrava no crânio, no corpo e em todos os ossos, até que se sentiu praticamente consumido pelo ritmo hipnótico.

Então, quando o cântico parecia ter atingido o seu paroxismo, o druida supremo dobrou-se e voltou a erguer-se, com uma adaga de lâmina fina segura nas duas mãos. Ergueu-a lentamente, e o aço polido da lâmina refletiu o brilho das chamas. Todos os olhos estavam fixos no espetáculo que se desenrolava no altar. Cato espreitou na direção de Macro e viu-lhe o queixo cerrado e a mão esquerda a segurar com toda a força o punho direito, como que para o impedir de se dirigir à pega da espada. Enquanto voltava a focar o altar, o cântico interrompeu-se abruptamente, como se o fôlego tivesse sido sugado dos pulmões de cada um dos nativos precisamente no mesmo instante. O silêncio que imperou era tão assombroso como o som que o precedera, interrompido apenas pelo restolhar de uma leve brisa no arvoredo, e o quase sumido crepitar das fogueiras.

O druida supremo lançou então um grito estridente, quase inumano, e fez descer a adaga com força selvagem. A ponta aguçada mergulhou na túnica branca sobre o coração do rapaz, com tanta força que fez com que os seus braços e pernas se agitassem sem sentido e o ar lhe explodisse dos pulmões com um som algures entre o grito e o grunhido animal. Depois a cabeça do miúdo foi lançada para trás, e a boca abriu-se-lhe num breve grito, enquanto ele se agitava debaixo da lâmina que o prendia ao altar. O sangue ensopou rapidamente o tecido que o cobria e criou uma poça sobre a superfície da pedra, até que uma mancha escura começou a precipitar-se sobre a borda e a escorrer pelos lados do altar. O rapaz imobilizou-se por fim, e os nativos entoaram um murmúrio sibilante que marcava a sua morte.

— *Sa... sa... sa.*

— Filhos da puta, monstros. — Rosnou Macro entre dentes. — Doentes, cabrões degenerados.

Cato avisou-o com um silvo. Enquanto todos olhavam, o druida supremo começou a trabalhar com a faca, abrindo o peito da vítima, e Cato avistou pequenos rolos de vapor a voltearem pelo ar gélido. O druida debruçou-se e meteu uma mão na cavidade, até arrancar um naco sangrento e o examinar de perto. Era o coração do jovem, apercebeu-se Cato, enquanto a garganta se lhe apertava numa náusea. Após uma pausa demorada, o druida pousou o órgão sanguinolento e olhou em volta, para toda a audiência, antes de se pronunciar. A assembleia de nativos respondeu com um audível e coletivo suspiro de alívio.

— O druida supremo anuncia que o coração é bom e forte, e que constitui uma adequada oferta aos deuses. — Explicou Marcómio aos romanos, em voz baixa. O druida virou-se para um pequeno braseiro perto do altar, e lançou o coração às chamas. O fogo avivou-se de imediato, soltando uma grande nuvem de fumo que se elevou no céu noturno. Algum truque, per-

cebeu Cato. O druida lançara dissimuladamente qualquer coisa ao fogo, junto com o coração. Ainda assim, o efeito não deixava de ser impressionante, e conseguiu obter o impacto esperado na audiência, que se encolhera quase por instinto perante o clarão súbito. Só então o romano se apercebeu de que o druida supremo tinha desaparecido ao mesmo tempo, como se o solo se tivesse aberto e o tivesse engolido. Levantou-se um murmúrio ansioso, até que o druida que tinha escoltado os romanos e os icenos até ao círculo sagrado avançou e ergueu as mãos para aplacar a multidão.

— Foi dito que o encontro das tribos pode ter início.

O governador assentiu, e concentrou-se no que se passava, enquanto o druida prosseguia e Marcómio traduzia o discurso aos representantes tribais.

— Está a dizer que lhes foi pedido que aqui viessem para discutir os termos para uma paz duradoura entre Roma e os reinos tribais da Britânia. Algumas tribos já concluíram tratados de aliança com Roma, enquanto outras continuam a resistir. Mesmo sem a presença de Roma, há velhas questões entre várias tribos, que ao longo do tempo provocaram discussões e conflitos. Lembra a todos os que aqui se juntaram que este é o terreno consagrado dos druidas, e que só eles têm o direito de derramar sangue no interior do círculo. Além disso, Roma jurou conceder salvo-conduto a todos os que aqui vieram, tanto aliados como inimigos, e não poderão ocorrer lutas nem desafios de honra enquanto o concílio estiver reunido. Quem quer que quebre estes termos cobrir-se-á de grande desonra, bem como ao seu povo, e não deixará de sentir a ira dos deuses em consequência. Se algum dos presentes recusar estas condições, é livre de partir...

O druida calou-se e esperou por alguma resposta que não surgiu; a audiência manteve-se imóvel.

— Muito bem. Assim sendo, dou a palavra ao governador da parte das nossas terras ancestrais, que hoje em dia é conhecida como a província romana da Britânia, para que se dirija às tribos.

O druida inclinou a cabeça, designando Ostório, e recuou para um dos lados do altar. O governador fez um gesto ao intérprete para que o acompanhasse e encaminhou-se a passo firme para o centro do círculo sagrado. Tudo estava em silêncio quando ele se deteve na posição pretendida, e olhou em volta para os rostos que o observavam. Não havia gritos de apoio, nem vaias ou insultos raivosos. Apenas silêncio. Ostório limpou a garganta e começou, e o tradutor desatou a entoar a rítmica cantilena da língua céltica para que o concílio apreendesse o significado das palavras do romano.

— Eu sou Ostório Escápula, pretor de Roma, governador da Britânia e comandante de todas as forças terrestres e navais que se encontram pre-

sentemente na ilha. Dou-vos as boas-vindas. A todos, sem exceção. Até aos representantes dos siluros e dos ordovicos, inimigos jurados de Roma e de tudo o que Roma representa. — O governador fez uma breve pausa. — Já passaram quase oito anos desde que as legiões desembarcaram nesta terra. Ao fim de poucos meses já tínhamos derrotado o mais formidável exército que as tribos conseguiram reunir para nos combater, sob o comando de Carátaco. Não uma, mas três vezes. E desde aí, nada conseguiu suster o poder de Roma. Não os vossos exércitos, por muito bravos que os vossos guerreiros sejam. Não as vossas colinas fortificadas, por muito formidáveis que possam ter parecido aos vossos olhos. Não conseguem derrotar-nos numa batalha, por muito corajosos que sejam. Os nossos soldados estão mais bem treinados, e melhor equipados. Triunfaram sobre os melhores combatentes de Cartago, da Grécia e da Gália. Combatemos nas mais altas montanhas, penetrámos nas densas e escuras florestas da Germânia, e nenhum rio se mostrou demasiado bravio ou largo a ponto de não conseguirmos cruzá-lo com uma ponte em poucos dias. Nada interrompe a nossa marcha, mesmo que a demore. Uma vez dada a ordem pelo nosso Imperador, só um resultado é possível: a vitória. É assim que as coisas são. Roma é excelente na arte da guerra. O preço de nos desafiarem é verem as vossas cidades, povoações e quintas destruídas e queimadas. Os vossos guerreiros mortos, as vossas mulheres e crianças levadas em correntes para uma vida de escravidão. . . . Todavia, sendo tão bons na guerra, somos também excelentes na paz. Roma traz ordem e prosperidade a todos os que acolhem o nosso abraço, se tornam nossos aliados e aceitam a nossa proteção. Sim, há taxas e impostos. Mas tal é o custo de viver em paz. Aceitem as nossas leis, os nossos costumes e regras, e a seu tempo aprenderão que a via romana é o vosso futuro, e a melhor para os vossos interesses.

Um guerreiro de um dos contingentes tribais deu um passo em frente, um indivíduo alto e entroncado. Falou em tom amargo, apontando o governador com o dedo esticado para vincar bem as suas palavras.

— É Venúcio, dos brigantes. — Apontou o tradutor. — Marido da rainha Cartimandua.

— É portanto o rei?

— Não, senhor. É a rainha quem governa a tribo. Ele é o consorte, e não partilha a apreciação por Roma que ela demonstra.

— Compreendo. E o que tem então o consorte a dizer?

— Está zangado perante a afronta que as suas palavras constituíram. Que fosse capaz de dizer às tribos, aqui no terreno que lhes é sagrado desde tempos imemoriais, que devem adotar os costumes romanos. Acusa-o de nos querer forçar a abdicar dos nossos deuses.

As palavras de Venúcio tinham levantado um murmúrio zangado na

multidão, e Ostório ergueu a mão a pedir silêncio. Quando o murmúrio acalmou, voltou a falar através do intérprete.

— Roma não tem qualquer intenção de vos afastar dos vossos deuses, ou de profanar os vossos locais sagrados. São livres de manter as vossas crenças. Ou de escolher as nossas, como quiserem. Podem adotar os nossos costumes ou manter o vosso atual estilo de vida. A escolha é vossa. Têm apenas que aprender a viver debaixo da nossa autoridade e das nossas leis. É um pequeno preço a pagar para pôr fim ao terrível conflito destes últimos anos. E ao que existia antes disso, as contínuas guerras e assaltos que ocorriam entre as vossas tribos.

Venúcio escutou as palavras e ripostou de imediato, no mesmo tom irado.

— Diz ele que é essa a forma de vida das tribos. Se assim não for, como poderá um guerreiro provar o seu valor? Tem que demonstrar coragem e capacidade de combate. Se lho tirarem, não lhe deixam qualquer propósito na vida.

Ostório replicou com firmeza.

— Os guerreiros deverão encontrar novos propósitos na vida. Terão que aprender a ser lavradores, ou então poderão perfeitamente alistar-se e servir Roma nas fileiras das nossas unidades auxiliares. É esse o único futuro que os espera. Devem aceitar a verdade. Os vossos guerreiros têm que abandonar os velhos costumes, ou morrer em combate contra as legiões.

Venúcio lançou uma série de gargalhadas secas.

— Diz que não lhes estás a oferecer qualquer escolha.

— Pelo contrário. Ofereço-lhes uma escolha entre a vida ou a morte certa.

Quando as palavras do governador foram traduzidas, ouviram-se gritos de protesto e brados irados vindos de todo o círculo, e Cato temeu que o seu superior estivesse à beira de levar os líderes tribais a um ponto de não retorno. Nesse momento, outro homem adiantou-se. Ergueu a mão e solicitou a atenção de todos. De constituição sólida, tinha-se deixado engordar, e as maçãs do rosto descaíam-lhe pesadamente, orladas por uma barba bem cuidada. Embora usasse roupas nativas, uma capa e calças de lã, por baixo tinha também uma túnica de estilo romano, e tinha o cabelo muito mais curto do que os outros nativos presentes. Avançou com confiança para o centro do círculo e esperou que se fizesse silêncio antes de tomar a palavra.

— Por Hades, quem é aquele palhaço? — Quis saber Macro.

— Essa é fácil. — Indicou Cato. — Aposto que é o Cogidubno, dos regnos.

— Aquele que se veio oferecer a nós antes mesmo da primeira bota romana ter pisado o solo da ilha?

— Esse mesmo.

Macro reparou nos olhares de desprezo nas faces de muitos dos outros nativos.

— Quem me dera que ele não falasse para defender as nossas posições.

O homem no centro do círculo discursou com uma voz clara e profunda; o tradutor explicou o que ele dizia.

— Em primeiro lugar, queria oferecer ao governador a minha mais sincera gratidão, por nos oferecer esta oportunidade para estabelecer uma paz duradoura... Todos vocês me conhecem. Sou o rei Cogidubno. Quero falar com clareza, quero dizer toda a verdade. Também eu fui educado como um guerreiro, e conduzi os meus homens ao combate em diversas ocasiões. Não preciso de provar o meu valor para dar peso às minhas palavras. Estou aqui para dar o meu apoio aos argumentos apresentados pelo governador Ostório Escápula. Roma tem demonstrado ser uma amiga poderosa, e uma aliada para mim e para o meu povo. Posso testemunhar que beneficiámos imenso com a vinda de Roma, e o que é verdade para os regnos pode sê-lo também para qualquer tribo que aceite a mão amiga que o governador lhe estende.

— Traidor! — Gritou uma voz em latim, antes de repetir o epíteto na língua nativa.

Cogidubno franziu o sobrolho enquanto se virava, como toda a gente, para a origem do grito acusatório. As fileiras nativas agitaram-se, e por fim um guerreiro de porte altivo abriu caminho até à frente. Vestia uma capa com capuz, e lançou-o para trás, revelando o longo cabelo claro. Levantou-se de imediato um burburinho excitado na multidão. Marcómio abanou a cabeça, atónito.

— Carátaco...